

ISMAEL PONTES

A Vocalização do /r/ Pós-Vocálico Oriundo de /ɾ/ no Dialeto Caipira


Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Letras, na área de Linguística de Língua Portuguesa.

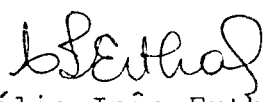
CURITIBA
1992

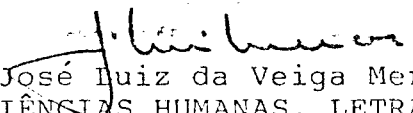
ISMAEL PONTES

A VOCALIZAÇÃO DO /r/ PÓS-VOCÁLICO ORIUNDO DE /l/ NO DIALETO
CAIPIRA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Letras, pela Comissão formada pelos professores:


ORIENTADOR: Profª Drª Iara Bemquerer Costa
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES, UFPR.


Profª Drª Cecília Inês Erthal
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES, UFPR.


Prof. Dr. José Luiz da Veiga Mercer
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES, UFPR.

Curitiba, 02 de abril de 1992

Para minha esposa, Neide.

Para minhas filhas, Carolina, Janaina e Gabriela.

Para Mrcia, Maria Etelvina, Maristela, Ana Maria e Epaminondas.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Iara Bemquerer Costa que, como orientadora, esteve presente em todos os momentos, auxiliando-me a vencer cada etapa deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho se realizasse.

RESUMO

Neste trabalho, investiga-se a variação /r/ ~ /w/ no dialeto caipira. Toma-se como exemplo do dialeto caipira a linguagem da comunidade de Boa Vista de Santa Cruz, no município de Rosário do Ivaí, região central do Paraná. O ponto de partida para o estudo dessa variação é a hipótese de que está havendo um processo de vocalização do /r/ pós-vocálico oriundo de /l/ no dialeto caipira, que resultaria em uma reaproximação entre esse dialeto e o português padrão. Busca-se confirmar essa hipótese analisando a variação em três âmbitos: o fonológico, o lexical e o social. No âmbito fonológico, examina-se os fatores vogal antecedente e tonicidade com o objetivo de verificar se os fatores fonológicos condicionam a variação. No âmbito lexical, procura-se detectar que grupo(s) de palavras favorece(m) ou inibe(m) o processo de vocalização. No âmbito social, estuda-se os fatores idade e escolaridade com objetivo de verificar a relevância desses fatores para a vocalização de /r/. Por outro lado, a análise do processo de vocalização nos âmbitos lexical e social tem como o objetivo testar com dados do português um modelo de difusão lexical compatível com a sociolinguística.

Para minhas filhas, Carolína, Ja-

SUMMARY

The present work focus on the variation /r/ ~ /w/ detected in the *Caipira* dialect as spoken at Boa Vista de Santa Cruz, a village in Rosário do Ivaí, in the central area of Paraná (in Brazil). The starting point for the study of the above-mentioned variation is the hypothesis that post-vocalic /r/, which originated from the /l/ in the *Caipira* dialect, is undergoing a vocalization process which would result in a re-approximation of that dialect and the standard Brazilian Portuguese. The aim of this work is to confirm the hypothesis by analysing the mentioned variation from three points of view: the phonological, the lexical and the social ones. In the phonological perspective, the preceding vowel and stress patterns are examined in order to verify whether these types of phonological features exert any conditioning effect on the detected variation. In the lexical perspective an attempt is made to identify the group(s) of items that facilitate(r) or inhibit(s) the vocalization process. In the social perspective, correlations with age and level of education are established in order to verify the relevance of these factors in the vocalization of /r/. On the other hand, the analysis of the vocalization process in the lexical and social perspectives aims at testing a lexical diffusion model, compatible with sociolinguistic research, using data from Brazilian Portuguese.

Resumo

LISTA DE TABELAS

| | | |
|----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1 | Quatro mudanças em progresso no franco-suíço de Charmey | 14 |
| 2 | Desenvolvimento de cinco variáveis do espanhol por faixa etária | 15 |
| 3 | Células lexicais: número de itens que compõe cada uma .. | 37 |
| 4 | Células sociais: número de informantes | 40 |
| 5 | Grupo de itens freqüentes e grupo de itens não freqüentes na comunidade | 47 |
| 6 | Percentual de lacunas de acordo com a idade | 48 |
| 7 | Percentual de lacunas conforme o sexo | 49 |
| 8 | Reflexo do tom III do MC no Chaozhou | 52 |
| 9 | Características das mudanças segundo os princípios neogramáticos e segundo a difusão lexical | 53 |
| 10 | Percentual de vocalização em relação à vogal antecedente | 55 |
| 11 | Percentual de ocorrências do item <i>selvagem</i> em relação às lacunas, de acordo com a escolaridade | 57 |
| 12 | Percentual de vocalização em relação à zona de articulação das vogais antecedentes | 57 |
| 13 | Percentual de vocalização em relação à tonicidade | 59 |
| 14 | Percentual de vocalização em relação à posição da variação na palavra | 60 |
| 15 | Vocalização de acordo com os grupos de itens lexicais .. | 65 |

| | | |
|----|---------------------------------------------------|----|
| 16 | Ensurdecimento das oclusivas em Shuāng-fēng | 67 |
| 17 | A vocalização de acordo com a faixa etária | 71 |
| 18 | A vocalização de acordo com a escolaridade | 73 |

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------|----|
| RESUMO | iv |
| SUMMARY | v |
| LISTA DE TABELAS | vi |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1 A VARIACÃO /R/~W/ PÓS VOCÁLICOS NO DIALETO CAIPIRA | 4 |
| 1.1 CARACTERIZAÇÃO DO DIALETO CAIPIRA | 4 |
| 1.2 A ESCOLHA DE UMA COMUNIDADE CAIPIRA | 7 |
| 1.3 A DELIMITAÇÃO DA VARIACÃO /R/ ~W/ | 10 |
| 1.4 /R/ ~W/: VARIACÃO OU MUDANÇA? | 12 |
| 1.5 ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE A VARIACÃO /R/ ~W/ | 15 |
| 2 A DIFUSÃO LEXICAL E SUA COMPATIBILIZAÇÃO COM A SOCIOLINGÜÍSTICA | 17 |
| 2.1 A DIFUSÃO LEXICAL | 18 |
| 2.2 DUAS VERSÕES DO MODELO DIFUSIONISTA | 24 |
| 2.3 A COMPATIBILIZAÇÃO DA DIFUSÃO LEXICAL COM A SOCIOLINGÜÍSTICA | 29 |
| 3 A METODOLOGIA E A PESQUISA DE CAMPO | 32 |
| 3.1 OS FATORES EM QUE SE ANALISA A VARIACÃO /R/ ~W/ | 32 |
| 3.2 A ORGANIZAÇÃO DAS PERGUNTAS NO QUESTIONÁRIO | 35 |
| 3.3 A FORMAÇÃO DAS CÉLULAS LEXICAIS | 36 |
| 3.4 A FORMAÇÃO DAS CÉLULAS SOCIAIS | 41 |
| 3.5 O ESTILO FORMAL NAS RESPOSTAS | 42 |
| 3.6 AS LACUNAS NAS RESPOSTAS DOS INFORMANTES | 43 |

| | | |
|----------|------------------------------------------------------------------|-----------|
| 4 | A DIFUSÃO DE /w/ NO DIALETO CAIPIRA NAS DIMENSÕES LEXICAL | |
| | E SOCIAL | 50 |
| 4.1 | OS FATORES FONOLÓGICOS | 52 |
| 4.2 | O FATOR LEXICAL | 61 |
| 4.3 | OS FATORES SOCIAIS | 68 |
| | CONCLUSÃO | 75 |
| | ANEXOS | 79 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 92 |

INTRODUÇÃO

Existe, nos falares de zona rural das regiões central e Norte do Paraná, variação entre /r/ e /w/ em posição final de sílaba em palavras como *pulga* /'purga/ ~/'pwga/¹, *calcanhar* /kar-kã'ña/ ~/kawkã'ña/. Esse fenômeno é uma marca típica do dialeto caipira (conf. Rodrigues, 74, 161; Bortoni-Ricardo, 85, 59) e há indícios de que se trata de um processo de mudança fonológica que está acontecendo nesse dialeto. Tal variação é um fato que ainda não foi explorado sistematicamente nem pela dialetologia nem pela sociolingüística. Daí o interesse em se fazer neste trabalho um estudo sistemático sobre esse fenômeno, buscando detectar os fatores que podem estar determinando o uso de /r/ ou /w/.

Pretende-se abordar essa variação sob dois prismas: o lexical e o social, incorporando-se contribuições da difusão lexical e da sociolingüística. A difusão lexical torna-se importante para esta pesquisa à medida em que admite que o léxico possa ser um fator determinante na mudança fonológica. O modelo de sociolingüística laboviana oferece um aparato teórico-metodológico adequado para estudar os fatores fonológicos e sociais. A compa-

¹ O símbolo // indica que está se transcrevendo os sons de acordo com o sistema fonológico do dialeto caipira.

tibilização² entre esses dois modelos é proposto por Wang (79). Segundo esse autor, ao se adotar a hipótese difusionista de que a mudança é abrupta no plano fonético e gradual no plano lexical (veja cap. 2), torna-se necessário assumir o conceito de gramática de grupo de falantes proposto pela sociolinguística. A compatibilização é apontada também por Labov (81), que admite haver, nos estudos de mudança em progresso, casos de difusão lexical.

Este trabalho estrutura-se da seguinte forma: no primeiro capítulo, discute-se quatro questões que são consideradas como pré-requisitos para o estudo que ora se faz. São elas: a caracterização do dialeto caipira; a escolha de uma comunidade de falantes que represente esse dialeto; a abrangência em que a variação será estudada e a variação sincrônica como caminho para a mudança fonológica. Ainda nesse capítulo, levanta-se as hipóteses que vão nortear todo o desenvolvimento da pesquisa.

No segundo capítulo, faz-se uma apresentação da mudança fonológica do ponto de vista da difusão lexical e das hipóteses que são propostas por esse modelo. De um modo específico, discute-se a versão da difusão lexical que vai ser adotada para a realização desta pesquisa e sua compatibilização com a sociolinguística laboviana.

No terceiro capítulo, apresenta-se a metodologia e o instrumento de pesquisa de campo utilizados. Na parte metodolôgi-

² O termo compatibilização é usado aqui no sentido que lhe é dado por Borges Neto (89) no artigo "A incomensurabilidade e a compatibilização de teorias". Não aparece, nesse artigo, uma definição clara desse termo, mas deixa a entender que se refere à "aproximação, re-aproximação e/ou convivência" de teorias científicas.

ca, explicita-se os fatores lingüísticos (ambientes fonológicos e léxico) e extralingüísticos (fatores sociais) que serão levados em conta na análise.

No quarto capítulo, analisa-se a variação /r/ ~/w/ de acordo com o aparato teórico-metodológico assumido nos capítulos antecedentes. Essa análise é feita primeiramente a partir dos fatores fonológicos, após esgotada a questão fonológica, passa-se para o fator lexical e por fim faz-se a análise dos fatores sociais.

1 A VARIAÇÃO /R/~W/ PÓS-VOCÁLICOS NO DIALETO CAIPIRA

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO DIALETO CAIPIRA

O primeiro estudo que se fez sobre o dialeto caipira é a obra de Amadeu Amaral O Dialeto Caipira, publicada pela primeira vez em 1920. Essa obra data de uma época em que o conceito de dialeto ainda era muito vago. Hoje, já se tem na dialetologia uma noção bem mais clara do termo "dialeto", como se encontra em CHAMBERS e TRUDGILL (80,3): "*Dialects... can be regard as subdivisions of a particular language. In this way we may talk of the Parisian dialect of French, the Lancashire dialect of English, the Bavarian dialect of German...*" A falta de uma definição clara de dialeto se reflete no trabalho de Amadeu AMARAL, pois ele não delimita a área geográfica de suas investigações e além disso não considera que o dialeto caipira seja homogêneo do ponto de vista lingüístico, mas admite haver múltiplas variações regionais. Segundo esse autor, "*o falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se podem distinguir sem grande esforço zonas de diferente matiz dialetal.*" (AMARAL, 76,43)

Neste trabalho, a expressão "dialeto caipira" não será empregada no sentido que o termo "dialeto" é usado atualmente na dialetologia, mas a partir de uma certa tradição que se encontra em vários autores que denominaram os falares rurais de dialeto caipira, como por exemplo, Amaral (76), Rodrigues (74), Bortoni-Ri-

cardo (85). O conceito de dialeto caipira é proposto tomando como base uma vaga delimitação histórico-geográfica e determinados traços lingüísticos e culturais.

PETRONE (apud RODRIGUES 72,27) considera que a civilização caipira cobriu no passado as seguintes áreas:

Todo o litoral paulista; o Vale da Paraíba; o planalto paulista; a zona bragantina; a 'depressão periférica paulista' que abrange entre outras a zona do antigo 'Caminho do Mato', que levava ao sul do país e por onde vinham as tropas de muares para serem vendidos na feira de Sorocaba; e o planalto de Franca.

Rodrigues (74,24), ao estudar o dialeto caipira na região de Piracicaba, se refere a um tipo de linguagem de comunidades rurais com características como: baixa densidade demográfica, estradas não asfaltadas, agricultura de subsistência, dificuldades dos moradores em se locomover e moradias afastadas umas das outras.

BORTONI-RICARDO (85,22) seguindo CÂNDIDO (64) propõe:

The main feature of this culture was its segregation from urban influence, a cultural isolation which established and maintained social forms based on the closed subsistence economy and on practices of mutual solidarity. The Caipira population was scattered over a large territory either living in huts, located far away from each other, or in small settlement. Whether they lived close together or far apart, however, the families of a community were linked by the feeling of common territoriality, by the ethics of solidarity, mainly manifested in the neighbours' participation in agricultural tasks, and by traditional religious and leisure activities. All this represented the fundamental structure of Caipira sociability.

A civilização caipira chegou ao Paraná através do antigo "Caminho do Mato", como propõe PETRONE. Formou-se às margens desse caminho "uma faixa de cultura caipira" que atravessa os estados do sul. Ainda hoje, encontra-se alguns povoados isolados nessa faixa, os quais mantêm as características caipiras, como é o caso, por exemplo, do povoado de Boa Vista de Santa Cruz, que foi escolhido para se fazer esta pesquisa.

Essa comunidade se localiza na "zona do antigo caminho do mato". WACHOVICZ (88,102) fala em "Estrada da Mata" que era um caminho que ligava os campos do Rio Grande do Sul desde Viamão até a tradicional feira paulista de Sorocaba. Nos séculos XVIII e XIX, o trânsito por essa estrada foi intenso. Ao longo desse caminho, surgiram muitos povoados, os quais mais tarde se tornaram cidades. Tal é a origem de Rio Negro, Lapa, Ponta Grossa, Castro e outras (veja Anexo 3, mapa 1).

Do ponto de vista lingüístico, o dialeto caipira apresenta algumas particularidades tanto em seu sistema fonológico quanto no morfo-sintático e no léxico. Porém, levando-se em conta que se investiga neste trabalho um fenômeno fonológico, restringe-se a exposição das características lingüísticas apenas ao aspecto fonológico.

Segundo Amaral (76,45-53) a fala do caipira é demasiadamente lenta, o que faz com que ele pronuncie claramente as vogais átonas, qualquer que seja a posição das mesmas no vocábulo. O /r/ inter e pós-vocálico é retroflexo, assemelhando-se ao /r/ do inglês. A palatal /λ/ vocaliza-se em /i/, /mu'ye/ (mulher), /'fiyo/ (filho). Conserva-se o valor típico de /e/e/o/ na sílaba pós-tônica, pois não se operou a permuta desses sons por /i/ e /u/, /a'kele/ (aquele), /'digo/ (digo) e não (a'keli/ e/'digu/.

Os grupos vocálicos /ai/, antes da palatal /s̥/; /ei/, antes de /r, š, ž/; e /ou/ se monotongam, /'bašo/ (baixo), /'šero/(cheiro), /'peše/ (peixe), /'kežo/ (queijo), /'toro/ (touro). O /ē/ em final de vocábulo se desnasalisa, /vi'aže/ (viagem). O /b/ e /v/ mudam-se às vezes uma na outra, /va'sora/ ~ /ba'sora/(vassoura)/ba'gaso/ ~ /va'gaso/(bagaço). O /r/ em final de palavras apaga-se, /so'ra/(chorar). O /l/ em grupo consonantal muda-se para /r/ e em posição final de sílaba ou muda-se para /r/, /pa'per/ (papel), ou apaga-se, /pa'pe/.

1.2 A ESCOLHA DE UMA COMUNIDADE CAIPIRA

Estudar qualquer fenômeno tomando o dialeto caipira como um todo é uma tarefa de proporções gigantescas, incompatível com a dimensão de uma dissertação de mestrado. Então, escolheu-se como representante desse dialeto uma comunidade de fala a qual, por um lado, tem características caipiras tanto no aspecto geográfico quanto sócio-cultural e, por outro, apresenta características lingüísticas do dialeto caipira. A comunidade escolhida para fazer o levantamento de dados foi Boa Vista de Santa Cruz, no Município de Rosário do Ivaí, Paraná.

Esse povoado teve sua formação histórica ligada à das cidades que se formaram às margens da "Estrada da Mata", pois seus primeiros habitantes migraram dessas cidades e mantiveram, por várias décadas, ligação comercial com a cidade de Ponta Grossa. Por outro lado, a comunidade conta com quase um século de existência, pois os primeiros habitantes aí chegaram por volta de 1913.¹

¹Essas informações foram obtidas a partir de relatos dos informantes.

Diferentemente da maioria dos povoados que surgiram graças ao "Caminho da Mata" que são atualmente cidades modernas e prósperas, Boa Vista de Santa Cruz mantém-se ainda hoje com características da cultura caipira. Sua população não apresentou crescimento significativo nas últimas décadas. A economia de subsistência, o baixo nível de vida, a falta de assistência nos setores educação, saúde, transporte e outros, são fatores que, por um lado, contribuem no sentido de não atrair novos moradores para o povoado, por outro, faz com que haja uma tendência dos mais jovens em deixar a comunidade. Desta forma, a população, de certo modo, continua homogênea.

O povoado de Boa Vista de Santa Cruz é formado por uma pequena escola, uma igreja católica e outra protestante, um "posto de saúde" municipal, alguns pequenos estabelecimentos comerciais e pouco mais de vinte residências. Essas moradias são afastadas umas das outras e, de um modo geral, são velhas construções de madeira. A energia elétrica chegou à localidade há cinco anos com o programa de eletrificação rural do governo do Paraná. O único meio de comunicação é um posto telefônico, o qual exerce também a função de correio.

A economia da região se baseia na agricultura e na pecuária. A agricultura é praticada por pequenos proprietários; o trabalho é sempre manual e não conta com nenhuma técnica moderna de produção. Os principais produtos agrícolas são o feijão, o algodão e o milho para fins comerciais e o alho, a cebola, o amendoim, a mandioca e outros para o próprio consumo.

A pecuária, por sua vez, abrange tanto a criação de gado bovino de corte quanto leiteiro, com fins comerciais. O gado de corte é criado por alguns grandes proprietários que não moram na

região. Já nas pequenas propriedades, há predominância de gado leiteiro que é o meio de subsistência da maior parte dos habitantes da zona rural. Esses mantêm ainda na propriedade animais para o transporte e trabalho na agricultura e criam pequenos animais, tais como porco, galinha, cabrito e outros, que produzem carne para a alimentação do próprio produtor.

Além dos aspectos histórico-geográfico e sócio-cultural, apresentados acima, que indicam que Boa Vista de Santa Cruz, seja uma comunidade caipira, encontra-se no falar de seus habitantes características típicas do dialeto caipira. Embora haja uma gama muito grande de traços caipiras, sua descrição limitar-se-á aos aspectos que de certa forma pesaram na escolha dessa comunidade para a investigação que ora se faz.

Amaral (76,48) aponta que no falar caipira não se permuta /e/ e /o/ por /i/ e /u/ em posição pós-tônica final de palavra. Por exemplo, *tomate* e *ovo* se pronunciam /to'mate/ e /'ovo/ e não /to'mati/ e /'ovu/ como se faz na maioria dos dialetos do português. Essa característica é uma marca que predomina entre os falantes da comunidade em estudo.² No entanto, tal pronúncia não é observada por Rodrigues (74) e Bortoni-Ricardo (85). Rodrigues (idem, 148) fala em neutralização de /e/ e /i/, /'bardi/, /'verdi/ e /o/ e /u/, /do'mĩngu/ em posição final. A segunda autora não menciona esse fato, mas seus dados (Bortoni-Ricardo 85, 48 e 51) mostram as pronúncias /i/ e /u/ no contexto indicado. A manutenção de /e/ e /o/ em posição átona final parece não ser uma marca

²Esse fenômeno é observado nas comunidades que se formaram, graças ao caminho do mato, mas não em outras comunidades próximas que surgiram através da recente colonização do norte do Paraná, como por exemplo, Campineiro do Sul (veja Anexo 3, mapa 2).

que se encontre de um modo geral no dialeto caipira, mas apenas em algumas de suas variações regionais.

Outra característica caipira que tem chamado a atenção na fala de Boa Vista de Santa Cruz é a permuta de /l/ por /r/³ em grupos consonantais. /'kraro/ (claro), /kõpreto/ (completo), e em posição final de sílaba, /'vórta/ (volta), /'sarto/ (salto). Amaral (76,52) considera essa permuta como uma regra categórica em ambos os contextos. Para Rodrigues (74,161) a permuta em grupos de consoantes é categórica, mas em posição pós-vocálica, há variação entre as duas consoantes. Em Boa Vista de Santa Cruz, a situação parece ser semelhante à apresentada por Rodrigues (74), porém, em vez da variação se dar entre /l/ e /r/, se dá entre /r/ e /w/. Neste trabalho, esse fenômeno é tratado na mesma perspectiva de Rodrigues (74), ou seja, assume-se esse caso como uma regra em variação onde uma das formas em variação pode ganhar ou perder espaço de acordo com uma série de fatores lingüísticos e extralingüísticos.

1.3 A DELIMITAÇÃO DA VARIAÇÃO /R/ ~ /W/

Amaral (76,52) aponta que, no dialeto caipira, o /l/ em posição final de sílaba muda-se para /r/. Segundo Bortoni-Ricardo (85,58) a dialetologia tradicional tem visto a fusão desses sons como o resultado da influência de substrato das línguas aborígenes e dos pidgins africanos trazidos durante o primeiro século de colonização. Câmara Jr. (75, 57) aponta que nas línguas indígenas não existia a oposição /l/ - /r/, assim o /l/ pode ter

³0 /r/ pós-vocálico encontrado na comunidade de Boa Vista de Santa Cruz é realizado foneticamente como retroflexo.

sido mal interpretado. Atualmente, no dialeto caipira, o /r/ oriundo da fusão /l/ - /r/ apresenta variação entre as formas /r/ e /w/. Bortoni-Ricardo (85,59) afirma que, além dessa variação, que é a mais freqüente, ocorre uma outra. Veja os exemplos em (a) e (b).

- (a) /'karsa/~/ 'kawsa/ calça
 /ar'moso/~/aw'moso/almoço
 /mcr/~/mɛw/ mel
- (b) /'garfo/~/ 'gawfo/ garfo
 /kar'vãw/~/kaw'vãw/ carvão
 /mar'mita/~/maw'mita/ marmita

Os exemplos em (a) correspondem a palavras em que na escrita o som em variação é grafado com "l". Já os exemplos em (b) se referem a palavras em que o som em variação é grafado com "r". Percebe-se então que nos exemplos em (a) e (b), a variação /r/~/ /w/ aparece em situações diferentes.

Os exemplos em (a) parecem resultar de um processo histórico, isto é, em um determinado momento da história do dialeto caipira, o /l/ pós-vocálico mudou-se para /r/. Atualmente, de acordo com a hipótese de que a variação em estudo é um caso de mudança em progresso, possivelmente a forma padrão esteja sendo restaurada. Como a pronúncia /l/ já não aparece mais no português padrão - segundo Câmara Jr. (84,51) esse /l/ foi vocalizado - então a mudança se daria do /r/ ao /w/, resultante da vocalização de /l/.

A variante /r/ é uma forma estigmatizada (Head,81), por isso há uma tendência a ser evitada. Desta forma, mesmo as pessoas menos instruídas procuram usar a forma padrão /w/ que é a variante de prestígio. Mas esses falantes não têm consciência da abrangência da regra de vocalização e acabam generalizando a regra. É

o que acontece nos exemplos em (b) onde se aplica a vocalização a um grupo de palavras de natureza diferente de (a).

Tendo em vista que (a) e (b) se referem a fenômenos diferentes e que o objetivo deste trabalho é investigar uma possível reaproximação entre o dialeto caipira e o português padrão, só se ocupará do caso apresentado em (a). Pois se (b) está ligado a algum processo de mudança, não há como admitir que esteja se dando em direção ao português padrão.

1.4 /R/ ~ /W/: VARIAÇÃO OU MUDANÇA?

Outra questão que precisa ser levada em conta ao se estudar uma variação é se essa se trata ou não de um caso de mudança, pois *"nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança, no entanto, pressupõe variação."* (TARALLO, 86,63). Assim, para se detectar uma mudança fonológica, o caminho é investigar a variação que se apresenta no sistema, no momento.

Tarallo (idem, ibidem), ao fazer uma apresentação da proposta de Labov (72a) afirma que a variação pode apontar em duas direções distintas: a estabilidade das variantes,⁴ e a mudança em progresso. No primeiro caso, as variantes nunca se encontram em situação de disputa, ou seja, elas convivem pacificamente, podendo coexistir por um longo período. O contrário acontece numa situação em que uma variação se refere a uma mudança em progresso. Aqui as variantes estão em situação de combate que terá como resultado a vitória de uma delas.

⁴ Para o conceito de variável e variantes, veja Tarallo (86,8-11).

Para se saber se uma variação se trata de variantes estáveis ou mudança em progresso, Tarallo (86,65) seguindo Labov (72a) propõe que se deve fazer um corte transversal da amostra sincrônica da faixa etária dos informantes. Assim, acrescenta-se uma dimensão histórica à análise: a partir do recurso do tempo aparente. Encontra-se em Labov (72a, 278-281) vários exemplos de mudança em progresso as quais são detectadas através do tempo aparente. Uma delas é o estudo de Gauchat (1905) sobre a diversividade fonética entre três gerações de falantes franco-suíços na vila de Charmey. A Tabela 1 mostra a mudança em progresso de quatro variáveis. A primeira se refere à palatalização de $\gamma \rightarrow y$ em que a geração mais velha usa γ ; a geração intermediária apresenta variação entre as duas formas ($\gamma \sim y$). A segunda variável refere-se à monotongação de (aw) que começou na geração mais velha apresentando variação entre **a** e **a'** e terminou seu curso na geração intermediária, onde o uso da variante **a'** tornou-se geral. A terceira variável é o caso da ditongação de ϵ que apresentou certa variação na geração I ($\epsilon \sim (\epsilon^i)$); na geração II essa variação foi mais intensa e, na geração III, houve a vitória de ϵ^i . Já a quarta variável (o) era absoluta na faixa etária 90-60 anos, tendo a variação $o \sim \text{ô}$ na segunda faixa etária e a ditongação na faixa etária mais jovem.

TABELA 1 - QUATRO MUDANÇAS EM PROGRESSO NO FRANCO-SUIÇO DE
CHARMEY

| A G E | | | |
|------------|------------------------------|----------------------------|-----------------|
| | I 90-60 YRS | II 60-30 YRS | III UNDER 30 |
| (χ) | χ | $\chi \sim y$ | y |
| (aw) | $a \sim (a')$ | a' | a' |
| (ey) | $\epsilon \sim (\epsilon^i)$ | $\epsilon \sim \epsilon^i$ | ϵ^i |
| (v) | v | $v \sim a^o$ | a^o |

(GAUCHAT, 1905, cf. LABOV 72a, 278)

Por outro lado, também em Labov (72a, 294) se encontra vários exemplos de variantes estáveis. O mais interessante deles é o estudo de Henrietta Cedergren (70) em que se investiga cinco variáveis do espanhol do Panamá.

A correlação entre as variáveis e as faixas etárias, como se observa na Tabela 2, mostra que as quatro primeiras variáveis se comportam de maneira diferente das variáveis de Charmey apresentadas na Tabela 1. Lá o recorte sincrônico (tempo aparente) demonstra haver mudança em progresso. Aqui o recorte em forma de tempo aparente não indica se tratar do mesmo tipo de variação, exceto (CH) que tem as mesmas características das variáveis estudadas por Gauchat. Isso indica que se está diante de casos de variantes estáveis.

TABELA 2 - DESENVOLVIMENTO DE CINCO VARIÁVEIS DO ESPANHOL POR
FAIXA ETÁRIA

| VARIABLE | A G E | | | | |
|----------|-------|-------|-------|-------|-------|
| | 11-20 | 21-30 | 31-40 | 41-50 | 61-70 |
| (R) | 2.28 | 1.90 | 1.95 | 2.23 | 1.46 |
| (PARA) | 1.31 | 1.34 | 1.48 | 1.33 | 1.39 |
| (ESTA) | 1.64 | 1.50 | 1.67 | 1.57 | 1.41 |
| (S) | 2.34 | 2.22 | 2.15 | 2.38 | 2.19 |
| (CH) | 2.15 | 2.29 | 2.05 | 1.81 | 1.31 |

(CEDERGREN 70, cf. LABOV 72a, 294)

Em relação à variação /r/ ~ /w/ pós-vocálica no dialeto caipira, a hipótese é que se trata de uma mudança em progresso, ou seja, a vocalização de /r/ é uma mudança que se encontra em curso. Para investigar esse fato, trabalhar-se-á com a noção de tempo aparente tal como propõem Labov (72a) e Tarallo (86).

1.5 ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE A VARIAÇÃO /R/ ~ /W/

Com a discussão feita nas seções antecedentes, parece terem ficado claros alguns pontos que de ora avante são de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa. Após ter noção da abrangência da variação e do tipo de linguagem que se vai trabalhar é possível formular algumas hipóteses. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que duas delas já foram mencionadas acima:

- a) a variação /r/ ~ /w/ se refere a uma mudança em progresso; e
- b) essa mudança estaria se dando em direção ao português padrão.

A partir daí é preciso propor algumas hipóteses sobre a forma pela qual a mudança está se desenvolvendo dentro da língua e que fatores estão determinando esse processo. Por exemplo, se for feita uma observação cuidadosa na fala das pessoas da comunidade em estudo, percebe-se que a variação está ligada a certos fatores. Uma mesma pessoa pronuncia /'vɔwta/ (volta) ao conversar com um professor e /vɔrta/ em uma conversa familiar. Isso indica que a variação se dá de acordo com o estilo, no primeiro caso formal e no segundo, informal.

Por outro lado, ao se prestar atenção à fala de algumas pessoas, nota-se que os mais idosos têm uma incidência bem maior de /r/ do que os mais jovens. Essa hipótese é de suma relevância porque ela pode ser um dos fatores que venham a comprovar a existência da mudança.

Com a hipótese de que a mudança esteja se dando em direção ao português padrão, pode-se supor que a escolaridade seja a principal determinante da mudança, devido ao papel de difusora da forma padrão que a escola desempenha.

Ainda é fácil se perceber que há maior incidência de /r/ ou de /w/ conforme o item lexical. Por exemplo, a palavra "sal" é pronunciada mais freqüentemente com /w/, enquanto a palavra "polvilho" tem maior freqüência de /r/. Esse fato leva a refletir sobre a hipótese da difusão lexical (veja Capítulo 2) de que a mudança está se expandindo gradualmente pelo léxico, ou seja, a mudança se dá por etapas, atingindo de cada vez grupo(s) de palavras até alcançar a parte toda do léxico que esteja sujeito a sofrer o processo de mudança.

2 A DIFUSÃO LEXICAL E SUA COMPATIBILIZAÇÃO COM A SOCIOLINGÜÍSTICA

As hipóteses levantadas em relação à variação /r/ ~ /w/pós-vocálicos no dialeto caipira foram propostas a partir dos princípios teórico-metodológicos de dois modelos da mudança lingüística:

- a) a difusão lexical, que tem como objetivo investigar o aspecto lexical da mudança fonológica; e
- b) a sociolingüística que estuda a variação nas línguas, seja essa variação condicionada por fatores lingüísticos ou sociais, ligada ou não a um processo de mudança.

A difusão lexical é um modelo que se desenvolveu no âmbito da fonologia histórica e tinha como objetivo estudar o processo de difusão da mudança em diferentes épocas. Porém, em determinado momento, procurou-se dentro do modelo, investigar a mudança tendo como âmbito de estudo o dado sincrônico. Para isso foi preciso buscar em outras teorias uma metodologia para se fazer a pesquisa de campo e a análise dos dados. Adotou-se então os princípios metodológicos da sociolingüística laboviana, a qual conta com um aparato teórico-metodológico adequado para observar a mudança em um momento do seu curso. Desta forma, houve uma aproximação entre esses dois modelos.

A sociolingüística é uma teoria bem conhecida, pois existe um grande número de pesquisas desenvolvidas dentro dos seus prin-

cípios teórico-metodológicos. Assim, parece desnecessário aqui, uma apresentação de seus pressupostos. Quanto à difusão lexical, será feita uma exposição geral de seu arcabouço teórico, destacando-se a versão do modelo compatível com a sociolinguística, adotada para o estudo da variação /r/ ~/w/.

2.1 A DIFUSÃO LEXICAL

A difusão lexical é uma teoria que surgiu nos estudos de fonologia histórica do chinês no final da década de 60. Seu primeiro manifesto foi o trabalho de Wang (69) em que se propõe, em relação à tradicional doutrina neogramática¹, uma nova visão sobre a forma em que a mudança linguística se implementa na língua. Para a corrente neogramática, a mudança é gradual no plano fonético e abrupta no plano lexical, isto é, durante a mudança de um som a outro, há vários estágios intermediários, mas essa mudança atinge por inteiro e instantaneamente a parte do léxico que esteja sujeito ao processo de mudança.

Para a concepção difusionista, a mudança nem sempre é gradual no plano fonético. Wang (69) percebe isso ao observar duas

¹TARALLO (87, 66-7) faz resumidamente a seguinte apresentação da doutrina neogramática: "Os pressupostos básicos sobre a mudança fonológica, delineadores desse modelo, haviam sido claramente expostos em um manifesto de 1878, por dois de seus defensores: Herman Osthoff e Karl Brugman. Assim a escola neogramática ficou notória pela irredutibilidade de seus dois princípios fundamentais: o princípio da regularidade da mudança (1) e o do condicionamento da mudança fonológica somente por fatores fonéticos (2). Os efeitos dos princípios neogramáticos, e em especial do primeiro sobre a regularidade da mudança, estão presentes no estruturalismo saussuriano na Europa, no estruturalismo americano de Bloomfield (1933) e de Hockett (1958), bem como nas várias tentativas de se aplicar fonologia gerativa à linguística histórica (cf. Postal, 1968; King, 1969 e Kiparsky, 1971)."

mudanças históricas que aconteceram no chinês num mesmo período de tempo. Trata-se de uma situação em que um som (x) mudou para (y) e ao mesmo tempo o som (y) mudou para (x). Esse processo, Wang (69, 11) chama flip-flop (veja seção 2.1.1.1). Então, se as mudanças de x para y e de y para x tivessem ocorrido de forma gradual, teria havido neutralização desses processos em certo ponto, o que acabaria por confundi-los. No entanto, isso não aconteceu, pois ambos terminaram seu curso. Os difusionistas também percebem que outros tipos de mudança como metátese, epêntese, apagamento e mudança de um som a outro articulatória e acusticamente bem diferentes não podem se dar de modo gradual no plano fonético, ou seja, não pode haver estágios intermediários nesses processos.

Além disso, os difusionistas não acreditavam que uma mudança atingisse o léxico todo simultaneamente. Como afirma WANG (79, 357), "... sound changes do not take place overnight." Assim, concluem que a mudança fonológica se dá de forma abrupta no plano fonético e gradual no plano lexical, ou seja, um som muda instantaneamente a outro, mas a mudança começa isoladamente em alguns itens lexicais e se expande gradualmente pelo léxico.

Neste trabalho, assume-se que a explicação dos difusionistas, tanto no plano fonético quanto no lexical, é adequada ao fenômeno estudado. Em relação ao plano fonético, é preciso considerar que as formas /r/ e /w/ em variação são articulatória e acusticamente bem diferentes e parece ser difícil sustentar que a mudança de uma a outra seja foneticamente gradual. Por outro lado, ao se levar em conta também o aspecto social dessa variação, trabalha-se ao nível da consciência do falante. E se a passagem do som /r/ ao som /w/ se dá de forma gradual, certamente isso não ocorre ao nível da consciência dos falantes. Desta forma, propõe-

se que a passagem de /r/ a /w/ se dá de forma abrupta. Já no plano lexical, a hipótese difusionista foi assumida no momento em que se levantou (veja 1.5) a hipótese de que a vocalização de /r/ está se expandindo gradualmente pelo léxico, atingindo, por etapas, grupo(s) de palavras.

Para dar conta do mecanismo de implementação da mudança fonológica nos planos fonético e lexical, os difusionistas apontam que ela deve ser vista sob vários pontos de vista. Para isso, trabalham com a noção de "*dimensões da mudança fonológica*".

2.1.1 As dimensões da mudança fonológica

Wang (69,10) propõe que a implementação da mudança fonológica pode ser vista sob quatro dimensões: cronológica ou temporal, fonética, lexical e social. A dimensão cronológica se refere ao período entre o início e o término de uma mudança, que pode demorar muitos anos e até séculos.

Encontra-se na sociolinguística a noção de tempo aparente a qual é capaz de captar sincronicamente certo período cronológico do curso de uma mudança (veja Tarallo, 86, cap. 5). A difusão lexical, por sua vez, tem investigado a dimensão cronológica de uma mudança a partir de dados de diferentes épocas.

Como o objetivo deste trabalho é estudar o processo de difusão da vocalização do /r/ pós-vocálico tomando para análise, dados levantados no momento, adota-se no modelo difusionista a noção de tempo aparente da sociolinguística, em vez da tradicional dimensão cronológica. A utilização da noção de dimensão temporal numa perspectiva sincrônica aparece em Labov (81), onde ele apresenta alguns casos de difusão lexical através do recurso do tempo aparente.

Ainda sobre a dimensão temporal, Wang (69,13) postula que ela pode ser estudada em relação a cada uma das outras dimensões:

- a) na dimensão fonética, ou seja, o período de tempo que o som x leva para mudar ao som y;
- b) na dimensão lexical, isto é, o tempo que a mudança leva para se expandir de morfema a morfema na parte relevante do vocabulário individual; e
- c) na dimensão social, ou seja, o tempo que a mudança demora para se expandir de falante a falante de um mesmo dialeto.

As dimensões (a) e (b) são apresentadas de uma forma mais sistemática nas subseções abaixo. Já a dimensão social, apesar de ser admitida por vários difusionistas, por exemplo Wang (69 e 79), e Chen (72), não é analisada sistematicamente em nenhum dos trabalhos difusionistas lidos. Possivelmente isso se dê pelo fato dos estudos de difusão lexical, de um modo geral, se interessarem, por um lado, pelo processo de difusão apenas do ponto de vista lingüístico e, por outro, por investigar a mudança dentro de um período relativamente grande. À medida em que se estude um processo de mudança a partir da variação sincrônica, como se propõe neste trabalho, parece possível se dar conta também da dimensão social.

2.1.1.1 A dimensão fonética - Os difusionistas admitem que a mudança pode se dar tanto de forma gradual como abrupta na dimensão fonética, mas adotam a segunda posição e justificam essa postura apontando um grande número de exemplos na evolução histórica do sistema fonológico do chinês. Por outro lado, afirmam que ainda não há nenhuma investigação que tenha comprovado a primeira posição.

A primeira evidência que chamou a atenção para o fato de que a mudança é exclusivamente gradual na dimensão fonética foi o caso de flip-flop. Wang (69,12) percebeu que no dialeto chinês Amoy existiram alguns morfemas com a estrutura ((C)e), e que em outro dialeto derivado do Amoy, o Lōngxī, esses mesmos morfemas tinham a estrutura ((C)we). Por outro lado, alguns morfemas do Amoy tiveram a estrutura ((C)we), mas em Lōngxī apresentam a estrutura ((C)e). Houve assim uma mudança de x para y e simultaneamente outra de y para x. Desta forma, se se considerar que uma mudança desse tipo seja foneticamente gradual, então haveria uma neutralização delas em determinado momento do processo. Tal coisa não pode ter ocorrido, pois, com a neutralização, as mudanças paralelas teriam se tornado uma única e evoluído em uma mesma direção dali em diante. No entanto, cada mudança se desenvolveu regularmente em sua própria direção.

2.1.1.2 A dimensão lexical - O léxico é o componente da língua menos homogêneo como sistema. Levando em conta sua natureza fragmentária é concebível que a mudança fonológica possa operar sobre um grupo de palavras sem automática e instantaneamente afetar o resto do léxico (Chen 72, 217). Assim é compatível com a natureza do léxico a expansão gradual por ele.

Um exemplo típico de difusão da mudança na dimensão lexical que se encontra em Wang (79) é o estudo de Sherman (73) sobre o desenvolvimento do acento diatônico nos pares nome-verbo dissílabos homógrafos no inglês moderno. Diatônicos são pares nome-verbo homógrafos nos quais o acento cai na primeira sílaba para o nome, mas na segunda para o verbo. Por exemplo, na língua inglesa, são diatônicos as seguintes palavras: *address*, *permit*,

subject, contract. Evidências dos antigos dicionários da língua inglesa mostram que tais palavras tinham acento sobre sílaba não inicial para ambos, nome e verbo (Sherman 73, apud Wang 79, 366).

A mudança do acento para a primeira sílaba dos nomes, como mostra a Figura 2.1, começou há 400 anos. Reportando-se a 30 dicionários e gramáticas publicados nesses quatro séculos, Sherman notou que o dicionário "*Manipulus vocabularum*" de Peter Levins, em 1570, continha três exemplos de diatônicos, "*ōutlōw, rēbēl, rēcōrd*". Cinco itens foram acrescentados doze anos mais tarde, em 1582, segundo um estudo de Richard Mulcaster sobre a ortografia inglesa. A difusão lexical continuou nos séculos seguintes, atingindo outros pares. Os diatônicos se expandem para 24 em 1660, para 35 em 1700, para 70 em 1800, e estava em 150 pares em 1934 (Sherman 73, apud Chen e Wang 75, 260). Essa mudança aparentemente está ainda em progresso: dos 1315 pares nome-verbo, potenciais candidatos à mudança, só 150 tornaram-se diatônicos.

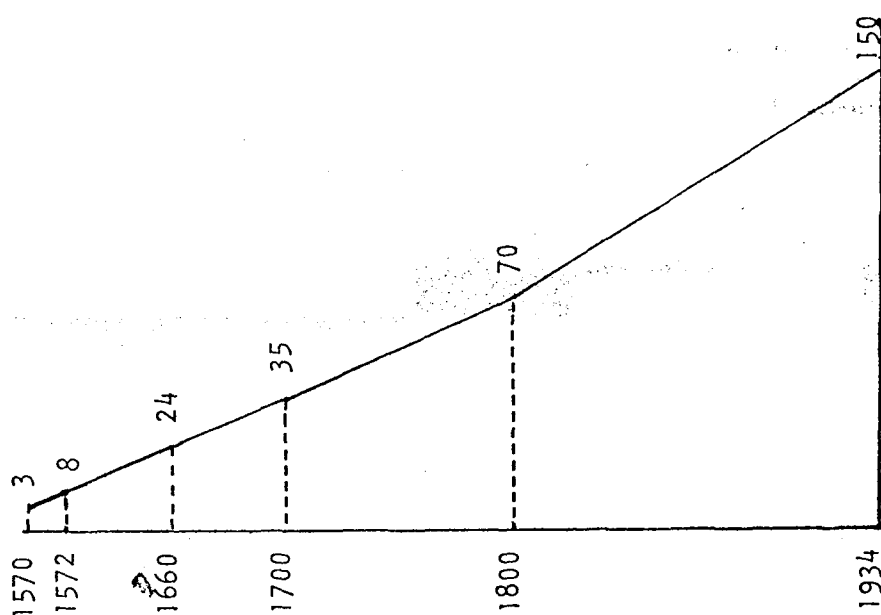


FIGURA 1 - Desenvolvimento dos pares nome-verbo diatônico no inglês moderno (cf. WANG 79, 367).

2.2 DUAS VERSÕES DO MODELO DIFUSIONISTA

A primeira versão da difusão lexical foi proposta por Wang (69) e tinha como objetivo estudar a evolução histórica do sistema fonológico do chinês, ou seja, era um modelo que tinha como âmbito de investigação a lingüística histórica. Na década de 70, esse modelo foi adotado tanto nos estudos do chinês, por exemplo Wang e Cheng (70), Cheng e Wang (71), Chen (72a), Chen e Wang (75), como em estudos de línguas ocidentais, por exemplo Sherman (73). Na mesma década, houve uma revisão do modelo em Janson (73) e Wang (79). Na segunda versão, propõe-se estudar a mudança lingüística a partir de dados sincrônicos. Na primeira versão, a mudança era vista dentro do âmbito de sua evolução histórica. Já na segunda versão, o fato lingüístico é visto tomando como ponto de partida o momento em que está se fazendo a investigação, ou seja, nessa versão, a dimensão histórica da mudança é captada a partir da noção de tempo aparente. Assim o dado lingüístico obtido em um momento sincrônico permitiria aos difusionistas observarem, além dos aspectos lingüísticos (fonológicos e lexical), também os aspectos sociais. Neste trabalho, adota-se a segunda versão do modelo difusionista, isto se dá pelo fato de nessa versão se poder dar conta do processo de difusão tanto no âmbito lexical quanto no social. Há ainda outras versões do modelo da difusão lexical, tais como Krishnamurti (78), Labov (81), Phillips (84), Oliveira (91).

Na primeira versão, o interesse central do modelo era investigar a influência do léxico sobre a mudança fonológica e explicar os resíduos que resultavam de determinados processos de mudança. Essa versão se deu basicamente nos estudos da evolução histórica do sistema fonológico do chinês. Entre os trabalhos lidos, os mais importantes são: Wang (69), Wang e Cheng (70) e Cheng e Wang (71)

Wang (69) lança os princípios básicos que nortearam os estudos dentro do modelo da difusão lexical. Ele formula um modelo que propõe explicar adequadamente os resíduos que resultam das mudanças fonológicas. Para isso, levanta a hipótese de que a mudança fonológica é implementada de um modo que seja foneticamente abrupta, mas lexicalmente gradual. Sua proposta é que a mudança se difunde gradualmente pelo léxico e pode não conseguir atingir todos os morfemas aos quais sua aplicação seja possível. Isso acontece porque, durante o curso da mudança, pode haver outra mudança competindo com ela. Como resultado dessa competição, podem ficar resíduos no léxico. Wang propõe ainda, nesse trabalho, as dimensões as quais devem ser levadas em conta no estudo da mudança fonológica (veja 2.1.1).

Nesse estudo, WANG trata a difusão lexical de um ponto de vista teórico. Desta forma, muitos de seus princípios só são sustentados empiricamente em trabalhos posteriores. O único princípio que ele comprova através de dados é o fato de "a mudança ser abrupta no plano fonético". O que ele faz recorrendo ao caso do flip-flop, já comentado em (2.1.1.1).

Wang e Cheng (70) investigam um caso de competição (interferência) entre duas mudanças no moderno dialeto chinês Shuāng-fēng. Torna-se interessante esse estudo aqui, porque ele corrobora os princípios de WANG (69, 9) de que "a mudança se difundindo gradualmente pelo léxico, pode não conseguir atingir todos os morfemas aos quais sua aplicação é possível. E se houver outra mudança competindo com essa, como resultado de tal competição podem ficar resíduos."

Esse trabalho trata do processo de ensurdecimento das oclusivas sonoras em início de sílaba com tom IV no chinês medieval

(em inglês, Middle Chinese, de agora em diante MC) no moderno dialeto chinês Shuāng-fēng. Essa mudança, durante seu curso, sofre a interferência de uma outra mudança: o apagamento de "p,t,k" em final de sílaba.

Os autores trabalham com um corpus de 616 itens do MC, cujas sílabas com tom IV apresentam consoante oclusiva sonora em início de sílaba. Porém, em Shuāng-fēng esses mesmos itens ora têm consoante oclusiva sonora, ora surda naquela posição.

O processo de ensurdecimento das oclusivas iniciais do MC para Shuāng-fēng se deu da seguinte forma: de 288 itens com tom I, apenas dois itens sofreram ensurdecimento; de 100 itens com tom II, dez foram atingidos por essa mudança; de 140 itens com tom III, 20 mudaram; mas de 88 itens com tom IV, 84 tiveram a oclusiva inicial ensurdecida. Isso mostra claramente que o tom IV favorece o ensurdecimento, enquanto os outros três o inibem.

O tom IV só ocorria no MC em sílabas terminadas em "p,t,k". Porém, esse grupo desapareceu totalmente em Shuāng-fēng, não ficando nenhum resíduo. Isso fez com que o tom IV se fundisse em outros tons.

Como o ambiente para que a regra de ensurdecimento se aplicasse era o tom IV e esse desapareceu juntamente com o grupo "p,t,k", essa regra ficou bloqueada, ou seja, dos 88 itens com tom IV, quatro ainda não haviam ensurdecido quando houve o apagamento de "p,t,k" e a dissolução desse tom nos outros. Assim esses quatro itens ficaram como resíduos do processo de ensurdecimento.

Esses resíduos são consequência da competição entre os dois processos de mudança. E tal competição só se deu porque o processo de ensurdecimento se expandia gradualmente pelo léxico.

Outro trabalho que vem corroborar o modelo proposto por Wang (69) é o de Cheng e Wang (71). Eles fazem, nesse trabalho, um estudo sobre a mudança do tom 3b para o tom 2b ocorrido no moderno dialeto chinês Chaozhou. Observam que nesse dialeto há uma bipartição entre os dois tons, sendo 125 itens para 2b e 107 para 3b.

Em primeiro lugar, procuram investigar se há alguma razão extralingüística, como empréstimo interdialetoal, para a ocorrência de tal fato. No entanto, isso não se confirma, pois o tom 2b só aparece em uma quantidade expressiva em Chaozhou. Em seguida, eles verificam sistematicamente todos os contextos fonológicos, tanto do MC quanto do Chaozhou, mas não percebem nenhum condicionamento. Então concluem que se trata de uma mudança em progresso a qual se encontra na metade de seu curso e que o léxico é o fator que está determinando essa mudança.

Na segunda versão do modelo, os difusionistas passam também a se preocupar com os fatores sociais no estudo da mudança fonológica. Nessa versão, os trabalhos mais importantes examinados foram Janson (73) e Wang (79).

Janson (73), ao estudar a restauração do -d final no dialeto sueco de Stockholm, leva em conta, além do fator lexical, o estilístico. Ela mostra que, por volta do século XIV, houve apagamento na pronúncia do -d em alguns dialetos do sueco. Como aconteceu uma elevação do nível educacional na Suécia nas últimas décadas, e o -d havia permanecido na escrita durante o período de apagamento na pronúncia, o processo se reverteu, isto é, começou-se a restauração do -d final. Atualmente só algumas palavras do dialeto de Stockholm ainda mantêm o apagamento desse som. A autora percebe que o apagamento está condicionado, por um lado, pelo

fator estilo, pois na linguagem informal se mantém esse apagamento, mas não no formal; e por outro lado, pelo fator lexical, ou seja, o apagamento se mantém de acordo com o campo semântico do item lexical.

O trabalho de Janson é interessante para o estudo da variação /r/ ~ /w/ no dialeto caipira pelo menos por dois motivos. Por um lado, investiga a restauração de uma forma padrão que, ao que parece, é o que está acontecendo com /w/. Por outro lado, ela é a primeira difusionista a conseguir explicar porque certo grupo de palavras resiste ao processo de mudança.

Jã Wang (79) considera que a variação lingüística é o mecanismo de implementação da mudança. E que o processo de difusão lexical se dá via variação sincrônica. Por exemplo, uma forma *x* começa a sofrer, em determinados contextos, a concorrência de uma forma *y*; com o passar do tempo, há uma intensificação dessa concorrência, ou seja, a variação entre *x* e *y* acontece em todos os contextos. Por fim *y* acaba prevalecendo em detrimento de *x*. Desta forma, ele propõe um modelo típico de mudança que envolve três estágios: *u* (*unchanged*) não mudado, *v* (*synchronic variation*) variação sincrônica e *c* (*changed*) mudado. Tal proposta parece interessante para a pesquisa que ora se desenvolve, pois uma das hipóteses que aqui se levantou é que a vocalização de /r/ em posição final de sílaba se dá via variação. Ainda há de se levar em conta que essa variação possa apresentar os três estágios como propõe Wang.

2.3 A COMPATIBILIZAÇÃO DA DIFUSÃO LEXICAL COM A SOCIOLINGÜÍSTICA

A compatibilização entre teorias científicas é discutida por Borges Neto (89) que procura mostrar que a aproximação de teorias é uma questão bem complexa. Segundo esse autor, para se compatibilizar duas ou mais teorias deve-se levar em conta uma série de fatores. Por exemplo, Tarallo (87) propõe que existe certa compatibilidade entre a gramática gerativa e a sociolingüística, afirmando que o sistema de parâmetros daquela pode de alguma forma ser aplicado a esta. Borges Neto lança severas críticas à proposta de Tarallo, argumentando que essas teorias são incomensuráveis, ou seja, não há possibilidade de aproximá-las, pois elas têm objetos de estudo e motivações ideológicas bem diferentes, e além disso, se propõem a explicar fenômenos lingüísticos diferentes.

Por outro lado, nesse mesmo artigo em que considera inviável a proposta de Tarallo, BORGES NETO admite a possibilidade de se compatibilizar teorias diferentes, porém adverte que "... a busca de parâmetros que orientem a 'convivência', as 're-aproximações' entre teorias lingüísticas (...) deverão necessariamente levar em consideração a natureza ideológica das teorias." (BORGES NETO, 89, 63).

Seguindo o raciocínio de Borges Neto parece perfeitamente possível considerar que a difusão lexical e a sociolingüística são teorias compatíveis. E, ao contrário da proposta de Tarallo, de criar um modelo que compatibilize a sociolingüística e a gramática gerativa, a aproximação entre a difusão lexical e a sociolingüística se deu naturalmente, isto é, os difusionistas têm necessidade de compatibilizar esses dois modelos no momento em que percebem que o processo de mudança fonológica opera também na di-

mensão social. Por exemplo, JANSON (73,260-1) afirma:

It is simply not the case that variation occurs only along axis of the lexicon, so that the rule 'gains' or 'loses' groups of lexical itens. It would probably not be less thruue to say only the stylistic acceptability of loss of -d has varied with time. But to say the whole thruth it is necessary to account for both kinds of facts...

Até então, a difusão lexical só havia estudado o processo de difusão dentro de uma perspectiva histórica e não dispunha de um aparato teórico-metodológico para investigar o fenômeno da difusão na dimensão social. Desta forma, recorre-se à sociolinguística que já se encontra em um estágio bem desenvolvido nos estudos dessa outra dimensão da mudança linguística.

A compatibilidade entre essas teorias, é claramente assumida em WANG (79,360) onde ele propõe: "*If (...) the change were to be lexically gradual, an inevitable consequence of admitting phonetic abruptness, then the changed words are clearly observable from speaker to speaker in a community characterized by 'orderly heterogeneity'.*"

Por outro lado, tal compatibilização é admitida também pela sociolinguística. Por exemplo, LABOV (81,274) propõe:

The case for lexical diffusion was presented by Wang, Cheng, and Chen within a framework closely aligned with of Weinreich, Labov & Herzog: the empirical foundations for a theory of language change must include the capacity to deal with the 'orderly heterogeneity' that is a fundamental characteristic of language. Diffusion across the lexicon is one example of that orderly variation.

O modelo de difusão lexical compatível com a sociolinguística tal como propõem Wang (79) e Labov (81) representa um grande

avanço para a difusão lexical, pois tem-se então um modelo que dá conta da gradualidade da mudança tanto no âmbito do léxico como no social. No entanto, entre os trabalhos examinados, não aparece nenhum que tenha adotado esse novo modelo.

No caso da variação /r~/w/ no dialeto caipira, esse modelo parece ser inteiramente adequado, pois o objetivo deste estudo é investigar o fenômeno da difusão nos dois âmbitos: lexical e social. No âmbito lexical, pretende-se mostrar que a expansão da vocalização se dá de modo gradual; além disso, tem-se o propósito de estabelecer que grupo de palavras favorece ou inibe esse processo. Por outro lado, procurar-se-á mostrar que a expansão gradual da mudança não é um fenômeno que acontece exclusivamente no léxico, mas também no âmbito social. Desta forma, é possível postular que a expansão gradual da vocalização pode se dar entre grupos de falantes, isto é, a vocalização se expande gradualmente através dos grupos de falantes.

3 A METODOLOGIA E A PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo, faz-se uma exposição da metodologia que é empregada na elaboração do instrumento para a coleta de dados e na análise desses dados. Em primeiro lugar, apresenta-se os fatores fonológicos, lexical e sociais que são levados em conta na análise. Em seguida, apresenta-se a estrutura do questionário e os critérios utilizados na sua organização. Por fim, discute-se alguns problemas relativos à escolha dos itens lexicais e à aplicação do questionário, buscando explicações para cada um desses problemas.

3.1 OS FATORES EM QUE SE ANALISA A VARIAÇÃO /R/ ~ /W/

A investigação da vocalização do /r/ pós-vocálico no dialeto caipira será feita a partir de três tipos de fatores os quais podem favorecer ou inibir esse processo. No âmbito lingüístico, leva-se em conta os fatores fonológicos e o fator lexical e no âmbito extralingüístico, os fatores sociais.

Entre os fatores fonológicos, considera-se relevante a vogal antecedente e a posição em que a variação pode aparecer em relação à tonicidade. No fator vogal antecedente, leva-se em conta as sete vogais orais do português: /a, e, e, i, o, u/. Já no fator tonicidade, a variação será investigada em dois grupos de posições que essa variação pode se situar em relação ao acento tônico: sílaba tônica e sílaba átona. No grupo sílaba tônica, há qua-

tro ambientes: oxítono, paroxítono, proparoxítono e monossílabo. O grupo sílaba átona apresenta duas posições: pré-tônica e pós-tônica.

Como neste trabalho o estudo da variação /r/ ~ /w/ se limita aos casos em que o /r/ pós-vocálico é oriundo de /l/ (veja 1.4), adotou-se como critério para a seleção dos itens lexicais a serem investigados a grafia /l/ na posição pós-vocálica do português padrão. Esse critério permite, por um lado, dar conta de todos os ambientes potenciais à variação, pois se procurasse selecionar os itens lexicais a partir da variação poderiam ser excluídos ambientes em que a variação ainda não tenha começado ou que o processo de vocalização tivesse terminado; por outro lado, exclui os casos de variação do tipo /karvãw/ ~ /kawvãw/ (carvão).

Cada vogal antecedente correlaciona-se com cada uma das posições do fator tonicidade. Essa combinação resultou na formação de quarenta e dois grupos (Tabela 3) que são denominados células lexicais.

Os itens lexicais são selecionados de acordo com os fatores fonológicos que estão sendo levados em conta e a possibilidade de serem elicitados dos informantes sem maiores problemas. Cada célula seria composta por cinco itens lexicais, o que daria um quadro de duzentos e dez itens. Porém, isso não foi possível em grande parte das células por vários motivos, que são discutidos na seção 3.3.

A escolha dos informantes, por sua vez, foi feita a partir dos fatores sociais que se considera relevantes nesta pesquisa: a idade, a escolaridade e o sexo. O fator idade é representado por duas faixas etárias: menos de 25 anos e de 26 a 50 anos. Separar o fator idade em apenas dois grupos parece não ser o ideal,

pois quanto maior for o número de faixas etárias, com mais segurança, se consegue confirmar se a variação em estudo se trata ou não de uma mudança. Mas é necessário trabalhar com apenas duas faixas etárias, porque outra divisão qualquer prejudicaria o fator escolaridade. Por exemplo, se fosse incluída a faixa etária de 51 a 75 anos, não se conseguiria obter informantes para todos os níveis de escolaridade nessa faixa.

O fator escolaridade se constitui de três níveis: NE (não-escolarizado), 1^a à 4^a série (informantes que tenham estudado de 1^a até 4^a série do 1^o grau) e 5^a à 8^a série (informantes que tenham estudado de 5^a até 8^a série do 1^o grau). Usou-se como critério para a escolha desses três grupos o nível de instrução que é ofertado na comunidade.

A correlação entre as faixas etárias e os níveis de escolaridade e sexo resultou na formação de doze células sociais. Cada uma dessas células seria representada por cinco informantes. Porém, houve quatro células que não foram preenchidas (veja seção 3.4).

Tanto na fase de preparação do instrumento para a coleta de dados quanto na realização do trabalho de campo surgiram alguns problemas que são relevantes para este estudo:

- a) a organização das perguntas no questionário;
- b) as lacunas nas células lexicais e sociais;
- c) o estilo em que as perguntas foram respondidas; e
- d) o alto índice de lacunas na resposta de vários itens lexicais.

Discutir-se-á abaixo cada um desses problemas.

3.2 A ORGANIZAÇÃO DAS PERGUNTAS NO QUESTIONÁRIO

Para levantar os dados foi elaborado um questionário que se compõe de cento e três perguntas: sessenta e oito se referem a itens lexicais que apresentam ambiente potencial à variação /r/ ~ /w/ e as outras trinta e cinco não têm nenhuma importância para esta pesquisa. Foram usadas apenas para quebrar a seqüência de perguntas que elicitavam itens com a variação em estudo, o que ajudaria a evitar que o informante percebesse que aspecto de sua linguagem estava sendo observado.

O questionário foi estruturado de forma que procurasse distrair ao máximo a atenção do informante em relação à variação em estudo. Para isso, as perguntas foram ordenadas na seguinte seqüência: colocou-se uma pergunta que elicitasse um item lexical em que a variação pudesse aparecer na combinação de quaisquer ambientes fonológicos, como por exemplo, *natal*, onde a variação se dá na sílaba tônica oxítone com vogal antecedente /a/; em seguida, colocou-se uma pergunta que elicitasse um item em que a variação aparecesse em outra combinação de ambientes fonológicos, por exemplo, *alto*, onde a variação se dá na sílaba tônica paroxítone com vogal precedente /a/. Além de embaralhar as perguntas pela variação da combinação de ambientes fonológicos, a cada duas perguntas, no máximo, foi colocada uma que elicitasse um item lexical qualquer, que não apresentasse o contexto para a ocorrência da variação estudada.

No entanto, mesmo com todos esses cuidados, não se tem a garantia de que o entrevistado realmente não perceba a intenção do pesquisador, pois, além de aparecer a variação investigada em dois terços do questionário, muitos informantes acabam tendo conhecimento de algumas perguntas antes de serem entrevistados. Is-

so se dá porque as pessoas após serem entrevistadas, comentam com outras a pesquisa que se realiza na comunidade.

3.3 A FORMAÇÃO DAS CÉLULAS LEXICAIS

Como já foi mencionado acima, a combinação de cada posição da tonicidade com cada uma das vogais antecedentes deram como resultado um total de quarenta e duas células lexicais. A previsão era que cada célula fosse preenchida com cinco itens; no entanto, isso não foi possível para todas as células, pois como mostra a Tabela 3, há dezesseis células vazias, treze com um só item, uma com dois, uma com três, duas com quatro e apenas nove foram preenchidas com os cinco itens lexicais previstos inicialmente. O não preenchimento dessas células parece ter como motivação, por um lado, problemas de natureza lingüística, tais como a existência de poucos itens lexicais na língua com determinada combinação de tonicidade e vogal antecedente e a não existência de itens lexicais com determinada combinação; por outro lado, problemas relativos ao questionário, tal como a dificuldade em elicitar certos itens lexicais e relativos ao próprio uso da comunidade. Desta forma, dos duzentos e dez possíveis itens que formariam o corpus com o qual seria trabalhado, conseguiu-se incluir apenas sessenta e oito no questionário.

TABELA 3 - CÉLULAS LEXICAIS: NÚMERO DE ITENS QUE COMPÕE CADA UMA

| | | Vogal antecedente | a | e | ε | i | o | ∅ | u |
|------------|---------------------|----------------------|---|---|---|---|---|---|---|
| TONICIDADE | sílabas tônicas | oxítona | 5 | - | 5 | 5 | - | 5 | 1 |
| | | paroxítona | 5 | - | 1 | 1 | 5 | 4 | 5 |
| | | proparoxítona | 1 | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | monossílabo | 3 | - | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| | sílabas átônicas | pré-tônica | 5 | 1 | - | - | 4 | - | 5 |
| | | pós-tônica | - | 1 | - | 2 | - | - | - |

Em relação à tonicidade, as células oxítonas e paroxítonas são as que apresentam o maior número de itens lexicais com ambiente potencial à variação /r/ ~ /w/. Já as células com as combinações oxítona-vogal antecedente /e/, paroxítona-vogal antecedente /e/ e oxítona-vogal precedente /o/ não foram representadas no corpus por nenhum item. A motivação para isso é exclusivamente lingüística. A vogal /e/ nunca antecede nas posições tônicas sons que em final de sílaba são grafados com "l" no português padrão. Assim as células em que essa vogal se correlaciona com as posições tônicas ficaram vazias. Já a célula oxítona-/o/ parece ter ficado vazia pelo fato de não haver na língua portuguesa nenhum item lexical em que o som pós-vocálico seja grafado com "l".

A explicação para a existência de um único item lexical para cada uma das células paroxítona-/ε/, paroxítona-/i/ e oxítona-/u/ não é exclusivamente lingüística. Na célula paroxítona-/ε/, apareceram apenas nomes de pessoas, tais como *Celso*, *Telma*, *Delma*, *Adelson*, *Elson* e outros. Porém, é muito difícil elicitar com o modelo de questionário utilizados os nomes de pessoas que não sejam bem conhecidas na comunidade. Então, o único que pôde ser usado

foi o item *Celso*, nome de um ex-prefeito do município e que ainda mantém muita popularidade na comunidade.

Fato parecido ocorre com a célula oxítone-/u/na qual aparecem o item *azul* e vários nomes de pessoas, tais como *Raul*, *Izaul*, *Saul* e outros, no entanto, não se encontrou na comunidade pessoas com esses nomes. Desta forma, essa célula ficou somente com o item *azul* que é de uso freqüente de todos os falantes e fácil de ser elicitado.

As dificuldades para se preencher a célula paroxítone-/i/ foram ainda maiores. Conseguiu-se apenas dois itens, *filme*, *filtro* para essa célula. O utensílio doméstico filtro é de uso raro na comunidade, assim tornou-se difícil a obtenção desse item, pois quando se trata de um objeto pequeno é possível o entrevistador carregá-lo durante as entrevistas, porém, em relação ao filtro, não há condições para isso. Assim esse item foi eliminado. O item *filme*, foi a opção que restou para representar tal célula, apesar de ser problemático, pois poucas pessoas na comunidade assistem a televisão freqüentemente e a maioria dessas pessoas nunca foi a um cinema.

Ao contrário dos elementos oxítone e paroxítone, os elementos proparoxítone e monossílabo não favorecem a existência de itens lexicais com o contexto para a variação /r/ ~ /w/. As células proparoxítone -/a/, /ø/ e /u/ foram representadas no questionário por um item cada uma e as células proparoxítone -/e/, /ε/, /i/, /o/ ficaram vazias. O aparecimento de apenas três itens lexicais proparoxítonos parece ser motivado pelo próprio léxico, ou seja, existem poucos itens lexicais proparoxítonos com /r/ ou /w/ no final da sílaba tônica. Além disso, no dialeto caipira normalmente há redução das palavras proparoxítonas a paroxítonas; é

o que acontece, por exemplo, com o item *pólvora* /'pɔrva/. No entanto, itens lexicais como *pólvora* são considerados proparoxítonos, pois a organização das células lexicais se deu a partir do português padrão.

Para a célula monossílabo -/a/, conseguiu-se cinco itens, porém, foram utilizados apenas três. Os outros dois, *tal*, *qual*, foram eliminados porque não é possível obtê-los através de um questionário com perguntas diretas.

As células monossílabo-/ɛ/, /i/, /o/, /ɔ/ e /u/ são representadas no questionário por um item lexical cada uma. A motivação para o baixo número de itens nessas células parece também ser o léxico.

Para as células pré-tônica -/a/, /o/ e /u/ foram encontrados cinco itens para cada uma. Mas foi eliminado o item *soldado* da célula pré-tônica-/o/ porque não se conseguiu elaborar uma pergunta para elicitar esse item. A célula pré-tônica-/e/ ficou só com o item *selvagem*. Existem vários outros itens para essa célula, tais como *Etelvino*, *Belmirco*, *dêlgado*, *beltrano*, que apresentam o inconveniente de não poderem ser utilizados no questionário. Mesmo o item *selvagem* poucas vezes foi obtido, pois a maioria dos informantes respondeu em seu lugar a expressão *do mato*. As células pré-tônica-/ɛ/, /i/ e /ɔ/ não têm nenhum item lexical. Ao que parece, não existem na língua itens para essas células. As vogais /ɛ/ e /ɔ/ ocorrem exclusivamente em sílabas tônicas. As sílabas grafadas com "il" não ocorrem em posição pré-tônica.

Na posição pós-tônica, tiveram itens lexicais as células que contêm as vogais /e/ e /i/. Há uma série de itens que se

enquadram na primeira: a sêrie terminada em "vel", por exemplo, *môvel*, *horrível*, *responsável*. Como são palavras que têm a mesma sílaba final e são difíceis de serem obtidas dos informantes, foi tomado o item *responsável* para representar essa célula. Situação parecida é a da outra célula para a qual existem vários itens, mas foram usados apenas dois, *fácil*, *difícil*, os quais são possíveis de serem elicitados pelo modelo de questionário adotado.

3.4 A FORMAÇÃO DAS CÉLULAS SOCIAIS

Cada célula social é formada pela combinação dos três fatores sociais (veja Tabela 4). Com essas combinações, formou-se doze células de cinco informantes cada uma, o que daria um quadro de sessenta informantes. No entanto, não se conseguiu o número de cinco informantes para todas as células. Isso se deve ao fato de não haver, na comunidade, informantes em número suficiente que atendessem às características de algumas células. A dificuldade foi encontrar informantes no nível de escolaridade 5^a à 8^a sêrie na faixa etária 26 a 50 anos e no nível não escolarizado na faixa etária menos de 25 anos. Por isso o quadro de informantes foi reduzido a quarenta e oito informantes.

TABELA 4 - CÉLULAS SOCIAIS: NÚMERO DE INFORMANTES

| | S E X O | | | |
|---------------------------------------|-----------|---------|----------|---------|
| | masculino | | feminino | |
| Idade | <25 | 25 a 50 | <25 | 26 a 50 |
| NE | 2 | 5 | 1 | 5 |
| 1 ^a à 4 ^a sêrie | 5 | 5 | 5 | 5 |
| 5 ^a à 8 ^a sêrie | 5 | 3 | 5 | 2 |

A célula (NE, <25, M) ficou com dois informantes e a célula (NE, < 25, F) ficou com um informante. O baixo índice de informantes não escolarizados com menos de 25 anos parece se dar pelo fato de haver na comunidade uma escola de 1^a à 4^a série e outras na zona rural ao redor. Essas escolas contam com pelo menos 15 anos de existência.

Por outro lado, a célula (5^a à 8^a, 26 a 50, M) ficou com três informantes e a célula (5^a à 8^a, 26 a 50, F) ficou com dois informantes. A dificuldade em encontrar informantes para essas células se deve à implantação um tanto recente do curso de 1^o grau (5^a à 8^a série) na comunidade. Esse curso começou a funcionar com uma turma de 5^a série no ano de 1984. Além disso, poucas pessoas adultas frequentaram ou frequentam esse curso. Daí então, a consequência é que poucas pessoas com mais de 25 anos têm esse nível de escolaridade.

Para a célula (5^a à 8^a, 26 a 50, F) não foi encontrado na comunidade nenhum informante. Então, foram tomadas como informantes duas professoras que têm 2^o grau,¹ mas pelas características desse curso acredita-se ser possível considerá-lo equivalente ao 1^o grau (5^a à 8^a).

¹As duas informantes frequentaram curso de 2^o grau: uma o Projeto Logos II, no período 86-88, e a outra o projeto HAPRONT, no período 87-90. Esses cursos são ofertados para professores de 1^a à 4^a série leigos, isto é, professores que atuam de 1^a à 4^a série e que não tenham habilitação para esse nível. Não é exigido que se tenha o 1^o grau (5^a à 8^a série) para ingressar em tais cursos, foi o que aconteceu com essas informantes. Tais cursos se estruturam pelo sistema de módulos: os cursistas estudam os módulos em casa e depois vão à escola onde funciona o curso para fazer as avaliações. Desta forma, essas informantes fizeram 2^o grau sem deixar de residir na comunidade.

3.5 O ESTILO FORMAL NAS RESPOSTAS

As duas variantes que são investigadas neste trabalho têm valor social diferentes: /w/ é a pronúncia usada no português padrão e se apresenta como uma variante inovadora e de prestígio. Já /r/ é a forma típica da comunidade e do dialeto caipira que se caracteriza como uma variante estigmatizada. Os informantes têm consciência do prestígio social de /w/, assim eles apresentam um alto índice dessa variante nas respostas ao questionário. Às vezes, comete-se mesmo engano quanto ao uso da variante padrão: há casos em que o informante vocalizou o /r/ de palavras nas quais não existe essa vocalização, como por exemplo, /'fɔwte/forte/, espĩ'gawda/, /ma'yɔw/maior. Esse fenômeno aconteceu principalmente com informantes não escolarizados. Ao que parece, muitas pessoas não têm um bom domínio da regra de vocalização, mas todos têm plena consciência do prestígio social da variante /w/.

O propósito era coletar os itens lexicais com a variação /r/ ~ /w/ na forma mais natural possível, ou seja, num modo em que o pesquisador não exercesse nenhuma influência sobre o informante. Para isso, seria preciso adotar um modelo de entrevista como a narrativa de experiência pessoal onde, ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, o informante deixa de ter qualquer preocupação com a forma (Tarallo, 86, 23). Porém, neste trabalho, há um grupo de itens lexicais previamente selecionados os quais seriam difíceis de ser obtidos de todos os informantes num modelo de entrevista com o uso de narrativas. Assim trabalhase com um questionário que permite obter itens lexicais escolhidos. Se, por um lado, com um questionário com perguntas diretas há um controle sistemático dos itens com a variação desejada, por outro, cria-se uma situação muito mais formal do que a narrativa. Isso faz com que a variante de prestígio tenha um índice bem

maior de ocorrência na entrevista do que no uso cotidiano da linguagem pelo informante.

3.6 AS LACUNAS NAS RESPOSTAS DOS INFORMANTES

Normalmente em qualquer pesquisa de campo aparecem lacunas nas respostas, isto é, muitas perguntas não são respondidas por todos os informantes. Essas lacunas podem ocorrer ocasionalmente, como por exemplo, no momento da entrevista, o informante esquece a resposta, não sabe a resposta ou não entende a pergunta e dá uma resposta a qual não corresponde a que o pesquisador deseja. Ou ainda podem as lacunas estar ligadas a fatores como o modo de estruturar as perguntas, o tipo de informante ao qual é dirigido o questionário, o tipo de item lexical que está sendo elicitado e assim por diante.

No levantamento de dados para este trabalho, houve um número muito grande de lacunas em várias perguntas, o que parece não ter acontecido aleatoriamente. Há pelo menos dois tipos de motivação para a ocorrência dessas lacunas:

- a) a elicitación de itens lexicais através de perguntas abertas, ou seja, perguntas que podem elicitar o item desejado ou outro; e
- b) o uso de perguntas sobre itens lexicais que não são usados por toda a comunidade.

Há um grupo de itens, *folga, pulso, adulto, sepultura*, que apresenta um percentual elevado de lacunas pelo fato de terem sido elicitados através de perguntas abertas. Por exemplo, para elicitado o item *folga* foi formulada a pergunta - *quando você está sem serviço, a gente diz que você está de ...*. Apareceram como resposta, além do item lexical desejado, as expressões *de varde*

e *ã toa*, ou seja, houve informantes que responderam o item esperado e outros uma das duas outras respostas. Assim o item *folga* teve duas outras respostas com ele concorrendo, o que fez com que em 23 das 48 vezes em que foi inquirido, não se conseguiu obter esse item, isto é, 48% das ocorrências são lacunas.

O item *pulso* também apresentou um alto índice de lacunas, pois 15 informantes não responderam esse item, ou seja, as lacunas foram de 32%. Como o item *folga* também era obtido por uma pergunta aberta — *em que lugar do braço você põe o relógio?*. Os itens lexicais que apareceram como resposta a esta pergunta foram *pulso* ou *munheca*. Um fato que chama a atenção, em relação às duas perguntas mencionadas até aqui, é a correlação entre os percentuais de lacunas e o número de respostas que podem aparecer em cada pergunta, ou seja, um maior número de possíveis respostas para uma pergunta corresponde a um percentual mais alto de lacunas, enquanto um número menor de respostas concorrentes, o percentual de lacunas é menor. Parece ser o que aconteceu com os itens lexicais *folga* e *pulso*. A pergunta que elicitava o primeiro item apresentava três respostas concorrentes, o percentual de lacunas foi de 48%. No caso do item *pulso* havia duas respostas concorrendo e o índice de lacunas foi de 32%.

Isso é confirmado pelo item *adulto*, que era obtido através da pergunta — *quando a gente é pequena, é uma criança. Mas quando cresce e passa dos vinte anos, fica ...*. Esta tinha como respostas os itens *adulto* e *grande*. O item *adulto* apresenta 15 lacunas (32%), coincidindo com o item *pulso* no número de respostas concorrentes e no percentual de lacunas.

Outro item que se enquadra nesse raciocínio é *sepultura*, apresentando-se numa situação próxima do item *folga*. Era elici-

tado através da pergunta – *como se chama o local onde se enterra um defunto?* Teve como resposta um dos itens *sepultura*, *cova* ou *covagem*. Aqui, o número de respostas concorrentes coincide com *folga*, porém o percentual de lacunas é bem maior, ou seja, 29 lacunas, o que corresponde a um índice de 61%. Apesar de haver correlação entre número de respostas e o percentual, parece existir um outro problema a ser levado em conta em relação à pergunta que se refere ao item *sepultura*. A grande diferença entre os percentuais de *folga* ou *sepultura* está ligado também a outro fator: a dificuldade dos informantes em entender a pergunta. Ao serem inquiridos, os informantes geralmente davam como resposta o item *cemitério*. Então, perguntava-se – *em que lugar no cemitério o defunto é enterrado?* Muitos informantes diziam que não sabiam; no entanto, o que acontecia era que novamente eles não entendiam a pergunta, parecendo se encontrar numa situação ambígua, pois poderia entender que se tratava do nome do lugar onde todo defunto é colocado ou a posição (localização) no cemitério em que um determinado defunto é colocado, por exemplo, *do lado esquerdo do cemitério, entre o túmulo de João e Maria*.

O item *pólvora* que também era elicitado através de uma pergunta aberta, apresentou um baixo percentual de lacunas, ou seja, 10 lacunas, o que corresponde a um índice de 20%. Esse item era elicitado pela pergunta – *quais as munições que você usa para carregar uma espingarda?* – e obtinha como resposta *pólvora*, *escorva*, *chumbo* e *bucha*. Tanto o grupo de itens discutido acima quanto *pólvora* se referem a perguntas abertas, porém, há uma diferença bem significativa entre os percentuais. A explicação para esse fato parece ser a relação que existe entre as respostas em cada uma das situações. Por exemplo, o item *pulso* tinha como concorrente

o item *munheca*, isto é, o informante respondia um ou outro. Já o item *pólvora* não tem nenhuma outra resposta que com ele concorra, pois o informante, ao dar a resposta, acaba citando os quatro itens. Trata-se então de dois tipos de perguntas abertas:

- a) as que elicitam o grupo *folga, pulso, adulto e sepultura* são perguntas que têm como resposta itens lexicais ou expressões que são exclusivas, isto é, ou o informante responde uma forma ou outra; e
- b) a que elicita o item *pólvora*, que é uma pergunta que tem como resposta um grupo de itens os quais não são exclusivos, ou seja, o aparecimento de um não exclui os outros.

Um outro caso particular é o do item *bolsa*, que elicitado por uma pergunta aberta exclusiva, tem como respostas os itens *bolsa* ou *sacola*. Porém, apareceram seis lacunas, o que corresponde a um percentual de 13%. Aqui, o fator mais importante, parece não ser o número de respostas concorrentes, mas a frequência de uso dos dois itens na comunidade. Apesar de haver concorrência do item *sacola*, o item *bolsa* é usado muito mais frequentemente pelos falantes.

O item *corcel* parece contrariar a idéia de que perguntas abertas que elicitam itens lexicais não exclusivos, como o caso de *pólvora* discutido acima, apresentam baixo percentual de lacunas. Pois o item *corcel* apresentou um total de 26 lacunas, atingindo um percentual de 47%. A pergunta que elicitava esse item - *quais carros de passeio você conhece?* - estimulava o informante a citar alguns dos automóveis que conhecia. Desta forma, o número de automóveis que poderiam ser citados é muito grande e com isso o informante acabava mencionando apenas alguns. Assim, na maioria

das vezes o item *corcel* não apareceu nas respostas.

O item lexical que apresentou maior número de lacunas (33, o que corresponde a 68%) foi *julga*. A motivação para essas lacunas parece não ser a mesma dos outros itens mostrados acima, pois a pergunta que foi usada para elicitá-lo se referia ao trabalho que faz um corpo de jurado em relação a um réu. Como esse ato é muito pouco conhecido, poucos informantes conseguiram responder tal pergunta.

Além das motivações vistas até aqui, há algumas outras que devem ser consideradas. Vários itens lexicais tiveram um alto índice de lacunas e, no entanto, não se enquadram no grupo dos que foram elicitados através de perguntas abertas. Um caso a ser levado em conta é o dos itens *natal*, *capital*, *carnaval*, *farol*, que apresentaram um percentual considerável de lacunas (veja Tabela 5). Se comparar esse grupo de itens com o grupo *revólver*, *calça*, *polvilho*, *balde*, percebe-se uma grande diferença no percentual de lacunas. Porém, as perguntas que elicitaram tanto um grupo quanto outro seguem a mesma estrutura.

TABELA 5 - GRUPO DE ITENS FREQUENTES E GRUPO DE ITENS NÃO FREQUENTES NA COMUNIDADE

| | Itens lexicais | % de lacunas |
|----------|----------------|--------------|
| 1º GRUPO | revólver | 0 |
| | calça | 2 |
| | polvilho | 4 |
| | balde | 6 |
| 2º GRUPO | farol | 18 |
| | carnaval | 20 |
| | natal | 22 |
| | capital | 45 |

A explicação para essa situação parece ser que os itens do 1º grupo fazem parte do vocábulo de uso freqüente na comunidade; portanto, são mais fáceis de serem obtidos. Por outro lado, os do 2º grupo são de uso um tanto esporádico, por isso tornam-se difíceis de serem elicitados.

Um outro aspecto interessante é o fato de alguns itens serem usados mais por determinado grupo de falantes. Como mostra a Tabela 6, os itens *pulmão* e *adultério* apresentam maior índice de lacunas no grupo das pessoas mais jovens, ou seja, eles são usados mais freqüentemente pelas pessoas mais idosas.

TABELA 6 - PERCENTUAL DE LACUNAS DE ACORDO COM A IDADE

| ITENS LEXICAIS | I D A D E | % DE LACUNAS |
|----------------|-----------|--------------|
| pulmão | < 25 | 39 |
| | 26 a 50 | 14 |
| adultério | < 25 | 37 |
| | 26 a 50 | 27 |

Já os itens *solda* e *colcha* variam o índice de lacunas de acordo com o sexo. Como se observa na Tabela 7, o primeiro tem um percentual de lacunas mais elevado no sexo feminino, o que é indício de que é um item usado com maior freqüência pelo sexo masculino. O contrário, no entanto, é o que acontece com *colcha*: maior índice de lacunas no sexo masculino, o que, por sua vez, indica que é um item usado com mais freqüência pelo sexo feminino. A explicação para esse caso parece ser o fato de o primeiro item estar ligado a uma atividade masculina e o outro estar ligado às

4 A DIFUSÃO DE /w/ NO DIALETO CAIPIRA NAS DIMENSÕES LEXICAL E SOCIAL

Tinha-se, neste trabalho, o propósito de estudar a variação /r/ ~ /w/ na posição pós-vocálica, mas os dados apresentaram uma outra variante com essas concorrendo: o apagamento. Em princípio, teve-se a idéia de agrupar o apagamento a uma daquelas variantes, tomando-se como critério para o agrupamento a noção de prestígio social das variantes /r/ e /w/ (veja 3.5), ou seja, se o apagamento se apresentasse como uma variante de prestígio, agrupá-lo com /w/; se se apresentasse como uma variante estigmatizada, com /r/. Porém, nenhuma das soluções parece adequada, pois o apagamento ora é uma forma estigmatizada, por exemplo, em /ka-rē'te/ *carretel*, ora de prestígio, ou pelo menos não estigmatizada, como em /ko'sãw/ *colchão*. Assim, decidiu-se não analisar a variante \emptyset . Esta análise se baseia nas ocorrências de /r/ e /w/. A forma \emptyset só é utilizada na análise dos fatores fonológicos quando se discute a questão da posição pós-tônica onde não ocorre a variante /r/.

Nesta análise, examina-se três tipos de fatores: fonológico, lexical e social. Os fatores fonológicos foram incluídos com a finalidade de se verificar se eles apresentam alguma forma de condicionamento para a vocalização de /r/ em posição final de sílaba. Em primeiro lugar, investiga-se o processo de vocalização em relação à vogal antecedente, considerando o percentual de

ocorrência de /w/ quando precedido de cada uma das vogais. As vogais precedentes são a seguir agrupadas de acordo com a zona de articulação. Em segundo lugar, estuda-se esse fenômeno em relação à tonicidade, levando em conta cada uma das posições de tonicidade tal como era previsto na metodologia de análise (veja 3.1). Como uma revisão do fator tonicidade, analisa-se a vocalização a partir da posição da variação na palavra: meio ou final da palavra.

No fator lexical, analisa-se a vocalização a partir da divisão dos itens lexicais em dois grupos. O critério utilizado para essa divisão é o modo como os itens lexicais são usados na comunidade: um grupo se refere aos itens lexicais usados prioritariamente no contato entre falantes da comunidade e o outro, aos itens que são usados tanto nessa situação quanto no contato entre falantes da comunidade e falantes externos a ela.

No âmbito dos fatores sociais, examina-se a idade e a escolaridade. Através do fator idade, estuda-se, com o uso da noção de tempo aparente, a dimensão histórica do processo de vocalização, o que permite detectar se a variação em estudo se refere ou não a uma mudança. Já o fator escolaridade é investigado, por um lado, para se verificar se a variação /r~/w/ é um processo de mudança que se dá em direção ao português padrão, pois na comunidade, a escola é difusora da língua padrão; por outro lado, para se observar se o processo de vocalização se difunde gradualmente do grupo social mais escolarizado para o menos escolarizado.

4.1 OS FATORES FONOLÓGICOS

Os difusionistas mostram nos trabalhos sobre a evolução do chinês medieval (MC) para os modernos dialetos chineses que os fatores fonológicos não têm se apresentado como determinantes dessas mudanças. Um caso freqüentemente mencionado na literatura difusionista é o estudo feito por Cheng e Wang (71) sobre a mudança de tom 3b para 2b no moderno dialeto chinês Chaozhou. Nesse dialeto, como se observa na Tabela 8, houve uma divisão do tom III do MC nos tons 2b e 3b nas sílabas com iniciais oclusivas sonoras e soantes sonoras. O resultado foi: 125 itens com tom 2b e 107 com tom 3b. Esses autores indagam sobre os possíveis condicionantes dessa mudança e percebem que, por um lado, os itens com tom 2b não são empréstimos de outros dialetos, porque Chaozhou é o único dialeto chinês que apresenta tal divisão; por outro lado, as ocorrências desse tom não podem estar condicionados pelo sistema flexional, pois o paradigma flexional praticamente não existe no chinês.

TABELA 8 - REFLEXO DO TOM III DO MC NO CHAOZHOU

| MC TONE | Chaozhou Tones | + vcd - son | + vcd + son | TOTAL |
|---------|-------------------|----------------|----------------|-------|
| III | 2b | 56 | 69 | 125 |
| | 3b | 61 | 46 | 107 |

(Cheng e Wang 71,92).

Então,⁴ os autores investigam o condicionamento fonológico dessa mudança tomando como ambiente fonológico as consoantes iniciais tanto do MC quanto do Chaozhou. Porém, verificam que não há nenhum tipo de condicionamento nem em relação ao MC nem ao

Chaozhou.

Labov(81), ao tentar resolver a controvérsia entre a hipótese de que a mudança é gradual no âmbito fonético e abrupta no âmbito lexical, proposta pelos defensores da doutrina neogramática há mais de um século, e a hipótese de que a mudança é foneticamente abrupta e lexicalmente gradual, defendida pelos adeptos da difusão lexical, de certa forma corrobora a posição difusionista de que os fatores fonológicos não são determinantes nos processos de mudança. Nesse trabalho, Labov reúne dados da língua inglesa que confirmam tanto os princípios de uma doutrina quanto da outra. Segundo esse autor, o alçamento de (ohr), (ay^o), (oy) e (æh) e a anteriorização de (uw) e (ow) são exemplos de mudanças em progresso com características neogramáticas; já o alongamento de /æ/ para /æh/ é um caso de mudança em progresso com características da difusão lexical. Então, propõe que, ao estudar um processo de mudança, deve-se investigar se esse tem características neogramáticas ou difusionistas e aponta as principais diferenças entre os dois tipos de fenômenos (veja Tabela 9).

TABELA 9 - CARACTERÍSTICAS DAS MUDANÇAS SEGUNDO OS PRINCÍPIOS NEOGRAMÁTICOS E SEGUNDO A DIFUSÃO LEXICAL

| | (ohr), (oy), (ay ^o) (uw), (ow), (æh) | /æ/-/æh/ |
|--------------------------|-----------------------------------------------------|----------|
| discrete | no | yes |
| phonetic conditioning | fine | rough |
| lexical exceptions | no | yes |
| grammatical conditioning | no | yes |
| social affect | yes | no |
| predictable | yes | no |
| learnable | yes | no |
| categorized | no | yes |
| dictionary entries | 1 | 2 |
| lexical diffusion: past | no | yes |
| present | no | yes |

(Labov 81, 296)

Observando-se a Tabela 9, percebe-se que a posição de Labov, quando se trata de um processo de difusão lexical, é a de que não há um condicionamento fonológico sistemático (phonetic conditioning-rough).

Os fatores fonológicos levados em conta neste trabalho parecem indicar que a vocalização apresenta uma situação diferente tanto da mudança de tom 3b para 2b no Chaozhou quanto do caso de difusão lexical apontado por Labov. Pois, a variante /w/ comporta-se de modo diferente de acordo com o ambiente em que ela encontra-se. Por exemplo, nota-se na Tabela 10 que após as vogais /ɛ/ e /e/, os percentuais da forma /w/ são respectivamente 96 e 100%, enquanto que, se foi precedido de /o/ chega apenas a 58%. De certa forma, os fatores fonológicos estão condicionando esse processo de modo que há ambientes que são mais favoráveis e outros menos favoráveis à vocalização.

Em princípio, propõe-se analisar a vocalização de /r/ no âmbito fonológico tomando como base dois fatores: a vogal antecedente e a tonicidade. Em relação à vogal antecedente, a variação /r/ - /w/ se apresentou em todos os ambientes, exceto quando precedida de /e/, pois nesse ambiente não há nenhuma ocorrência da variante /r/ (Tabela 10).

TABELA 10 - PERCENTUAL DE VOCALIZAÇÃO EM RELAÇÃO À VOGAL ANTECEDENTE

| VOGAL | OCORRÊNCIAS | PERCENTUAL |
|-------|-------------|------------|
| a | 683/801 | 85 |
| ε | 264/275 | 96 |
| e | 23/23 | 100 |
| i | 211/227 | 93 |
| o | 333/436 | 76 |
| o | 195/336 | 58 |
| u | 320/430 | 74 |
| TOTAL | 2029/2528 | 80 |

O fato de no ambiente vogal antecedente /e/ não aparecer as duas variantes em estudo não parece significar que o processo de vocalização já tenha atingido o final de seu curso. É preciso que se considere que há outros aspectos que podem estar de alguma forma interferindo nesse ambiente.

A vogal antecedente /e/ aparece em duas células lexicais: uma em correlação com a posição pré-tônica e outra com a posição pós-tônica. Na posição pós-tônica, a variação se dá entre /w/ e \emptyset (esse caso será discutido abaixo, quando for apresentado o fator tonicidade). Já na posição pré-tônica, não se verifica nenhum tipo de variação.

A primeira dificuldade que se teve com a célula vogal/e/ posição pré-tônica foi preenchê-la com itens lexicais que fossem fáceis de serem elicitados (veja 3.3). Então, essa célula acabou sendo formada apenas pelo item *selvagem*, o qual das 48 vezes em que foi inquirido, apenas 18 vezes foi respondido, ou seja, apresentou um percentual de 62% de lacunas. Porém, nas 18 vezes em que ocorre, aparece sempre com a forma /w/.

Para explicar o comportamento dessa célula, é preciso considerar dois aspectos: o percentual de 100% de vocalização nas 18 ocorrências e a motivação para o índice de 62% de lacunas nas respostas. Em primeiro lugar, deve-se levar em conta que o alto índice de lacunas está ligado ao fato de que essas lacunas não são consequência da falta de resposta por parte dos informantes, mas ocorrem devido à concorrência de outra resposta: *do mato*. Em segundo lugar, há que se considerar que o uso do item *selvagem* ou da expressão *do mato* está de certo modo condicionado pelo fator social. Por exemplo, se correlacionar as ocorrências do item *selvagem* com o fator social escolaridade, como na tabela 11, percebe-se que a elicitación desse item apresenta um percentual de 73% no nível de escolaridade 5^a à 8^a série, de 30% no nível 1^a à 4^a série e 8% no nível NE (não escolarizado). Se essa análise está correta, tem-se, de um lado, a forma *selvagem* que é preferida por falantes escolarizados e, por outro, a forma *do mato*, que é preferida por falantes não escolarizados.

Levando-se em conta que /w/ é a variante de prestígio e que /r/ é a variante estigmatizada, como mostra a análise dos fatores sociais abaixo (4.3), é possível propor que a não ocorrência de /r/ na cédula vogal antecedente /e/ em posição prê-tônica se deve ao fato de que o item *selvagem* é usado por um grupo social que apresenta um baixo percentual de uso da variante /r/. Nesse ambiente, o falante tem a sua escolha, não as variantes fonológicas /r/-/w/, mas o item lexical *selvagem* e a expressão *do mato*. Porém, a relação forma de prestígio e estigmatizada se mantém com as mesmas características das variantes fonológicas, ou seja, a variante /w/ e o item *selvagem* são de prestígio e a variante /r/ e a expressão *do mato* estigmatizados.

TABELA 11 - PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DO ITEM SELVAGEM EM
 RELAÇÃO ÀS LACUNAS, DE ACORDO COM A ESCOLARIDADE

| ESCOLARIDADE | OCORRÊNCIA | PERCENTAGEM |
|---------------------------------|------------|-------------|
| NE | 1/13 | 8% |
| 1 ^a à 4 ^a | 6/20 | 30% |
| 5 ^a à 8 ^a | 11/15 | 73% |
| TOTAL | 18/48 | 38% |

Em relação às outras vogais antecedentes, nota-se (veja Tabela 10) que as vogais /a, e, i, o, u/ tiveram uma tendência a favorecer o uso da variante /w/, variando seu percentual de 74 à 96%. Já a vogal /o/ apresenta um índice de variação equilibrado: 58% das ocorrências são vocalizadas.

Outra forma de analisar esse fator é fazendo um agrupamento das vogais de acordo com a zona de articulação. Assim, o fator passa a ter três grupos de vogais: anterior que agrupa as vogais /e, i/; o central representado pela vogal /a/ e o posterior que agrupa as vogais /o, u/.

TABELA 12 - PERCENTUAL DE VOCALIZAÇÃO EM RELAÇÃO À ZONA DE
 ARTICULAÇÃO DAS VOGAIS ANTECEDENTES

| Zona de articulação | Ocorrências | Percentual |
|---------------------|-------------|------------|
| Anterior | 498/525 | 95 |
| Central | 683/801 | 85 |
| Posterior | 848/1202 | 71 |
| TOTAL | 2029/2528 | 80 |

O agrupamento das vogais antecedentes a partir da zona de articulação apresenta um resultado interessante na distribuição dos percentuais de vocalização. Por um lado, observa-se, como mostra a tabela 12, que nenhuma das três posições inibem esse processo; por outro lado, percebe-se que há uma regularidade nessa distribuição, ou seja, na posição posterior o índice é de 71%, na posição central, 85% e na posição anterior, 95%. Isso indica que as posições anteriores (anterior e central) favorecem mais o processo de vocalização do que a posição posterior.

A análise do fator vogal antecedente tomando as vogais individualmente mostra um resultado bem diferente da análise em que as vogais são agrupadas. No primeiro caso, não há uma regularidade da variação em todos os ambientes. Por um lado, tem-se um ambiente (vogal /e/) em que o número de ocorrência (33 ocorrências, representado por apenas três itens lexicais), pouco relevante para chegar a alguma conclusão. Além disso, como indica a análise feita sobre a célula vogal /e/ - posição pré-tônica, não aparece a variação em estudo porque a escolha do falante é entre itens lexicais e não entre as variantes /r/ e /w/, ou seja, trata-se de uma situação particular. Por outro lado, tem-se um ambiente (vogal /o/) em que o percentual de vocalização (58%) é bem menor que os outros. Já a análise de acordo com a zona de articulação das vogais apresenta uma certa regularidade nos percentuais de vocalização, ou seja, a variação aparece em todos os ambientes e a forma /w/ tem sempre um índice de ocorrências maior que /r/. Desta modo, a análise da vogal antecedente a partir do critério da zona de articulação apresenta um resultado mais abrangente, pois consegue dar conta da variação como um todo, não ficando nenhum ambiente a ser considerado separadamente.

Outro fator fonológico que se levou em conta foi a tonicidade. Nesse fator, a variação /r/ ~ /w/ apareceu em cinco dos seis ambientes que foram examinados. Aqui, como no fator vogal antecedente, há ambientes que favoreceram o processo de vocalização (tabela 13), por exemplo, oxítona (92%) e monossílabo (95%); e ambientes em que há um certo equilíbrio entre as duas variantes, por exemplo, proparoxítona (58%) e pré-tônica (59%). O ambiente pós-tônica, porém, tem um comportamento diferente dos outros, ou seja, é o único que apresenta um percentual de 100% de vocalização. Na posição pós-tônica, a variação se dá entre /w/ e \emptyset e não entre /r/.

TABELA 13 - PERCENTUAL DE VOCALIZAÇÃO EM RELAÇÃO À TONICIDADE

| TONICIDADE | | OCORRÊNCIAS | PERCENTUAL |
|-------------------|---------------|-------------|------------|
| sílabas tônica | Oxítona | 677/733 | 92 |
| | Paroxítona | 631/809 | 78 |
| sílabas | Proparoxítona | 56/97 | 58 |
| | Monossílabo | 335/353 | 95 |
| sílabas átona | Pré-tônica | 292/498 | 59 |
| | Pós-tônica | 38/38 | 100 |
| TOTAL | | 2029/2528 | 80 |

Em princípio, propôs-se agrupar a variante \emptyset à variante /r/ na posição pós-tônica, ou seja, o apagamento seria considerado uma forma estigmatizada. No entanto, o apagamento nos itens lexicais *responsável*, *fácil*, *difícil*, que representam essa posição parece não ser estigmatizado, pois é frequentemente usado por pessoas que pertencem a grupos sociais (por exemplo, nível

de escolaridade 5^a a 8^a série) que raramente usam a forma /r/ nos itens lexicais que são estudados. Por essa razão, preferiu-se não agrupar as variantes /r/ e \emptyset .

Então, propôs-se que o apagamento na posição pós-tônica faz parte de uma outra regra de apagamento que ocorre com as consoantes em posição átona final, como por exemplo em *revolver* /rẽ'vɔwve/, *Carlos* /'Karlo/. Então, tem-se uma regra de variação entre a presença ou ausência dos sons /w,r,s/ na posição pós-tônica. Se isto está correto, parece haver, como propõe Wang (69) (veja cap. 2), interferência de regras, ou seja, no fator tonicidade todas as posições favorecem o processo de vocalização, exceto a posição pós-tônica em que esse processo sofre a interferência do apagamento.

Também o fator tonicidade pode ser revisto, em vez de se considerar a posição da variação estudada em relação ao acento tônico, usa-se como critério a posição em que a variação se encontra na palavra. De acordo com o novo critério, tem-se a variação em final de palavra e no meio de palavra. Desta forma, a posição final de palavra agrupa as posições oxítona, monossílabo e pós-tônica e a posição meio de palavra, as posições paroxítona, proparoxítona e pré-tônica.

TABELA 14 - PERCENTUAL DE VOCALIZAÇÃO EM RELAÇÃO À POSIÇÃO DA VARIAÇÃO NA PALAVRA

| Posição de variação na palavra | Ocorrências | Percentual |
|--------------------------------|-------------|------------|
| Meio | 979/1404 | 69 |
| Final | 1050/1124 | 93 |
| TOTAL | 2029/2528 | 80 |

O agrupamento no fator tonicidade mostra, como se observa na tabela 14, que a variação /r/ ~ /w/ aparece nos dois contextos. Por um lado, nota-se que o ambiente final de palavra é mais favorável à vocalização, apresentando um percentual de 93% enquanto o outro ambiente tem um índice de 69%; por outro lado, percebe-se que nenhum desses contextos inibe o processo de vocalização.

A análise dos fatores fonológicos mostra que os contextos fonológicos não chegam a ser determinantes no processo de vocalização de /r/ pós-vocálico no dialeto caipira. Existem sim ambientes que são bem mais favoráveis a esse processo que outros. Por exemplo, as vogais antecedentes /a, e, i/, a posição de articulação anterior, as posições de tonicidade oxítone e monossílabo e a posição final de palavra. Já os casos onde não há a variação, como no ambiente da vogal antecedente /e/ em posição pós-tônica, não se trata de condicionamento fonológico, mas da interferência de outros fatores. No caso da vogal antecedente /e/, não aparece a variação /r/ ~ /w/ porque o item lexical *selvagem* que representou esse ambiente apresenta uma situação em que a escolha não se dá entre as variantes fonológicas /r/ ~ /w/, mas entre o item lexical *selvagem* e a expressão *do mato*. Já na posição pós-tônica, parece haver interferência da variação /w/ ~ Ø, o que faz com que aquela variação não apareça.

4.2 O FATOR LEXICAL

A difusão lexical como teoria considera o léxico um fator relevante para a mudança fonológica. O fator lexical possibilitou aos difusionistas proporem a hipótese de que a mudança fonológica se dá de forma gradual no âmbito do léxico, ou se-

ja, o processo de mudança inicia-se em um pequeno grupo de itens lexicais e se expande gradualmente pelo léxico até terminar seu curso ou ser bloqueado por uma outra mudança.

Nos trabalhos de difusão lexical sobre a evolução histórica do sistema fonológico do chinês, os difusionistas estabeleceram que o morfema seria a unidade básica sobre a qual o processo de mudança iria operar. Assim, a mudança fonológica se daria de morfema a morfema até atingir todos os morfemas que estivessem sujeitos ao processo de mudança.

O estudo de Janson (73) sobre a restauração do -d no dialeto sueco de Stockholm apresenta uma situação interessante sobre a questão da unidade onde a mudança vai operar. Em vez do morfema ou item lexical, essa autora adota como unidade básica o campo semântico em que o item lexical se encontra. Considere, assim, que um mesmo item lexical pode se comportar de forma diferente em relação a uma mudança, dependendo do campo semântico a que pertence. Por exemplo, no dialeto caipira, a palavra *pilha* no sentido "um amontoado de coisas", tem a pronúncia /'piya/, mas se referindo a "um objeto que produz energia" geralmente se pronuncia /'pila/. Isso mostra que o processo de vocalização da palatal /λ/ apresenta um comportamento diferente de acordo com o campo semântico em que a palavra *pilha* é usada.

No caso da restauração de -d, Janson estabelece dois campos semânticos bem amplos em que as palavras que estavam sujeitas à mudança podem ser agrupadas:

- a) um campo de significação de uso coloquial;
- b) outro de uso formal.

No entanto, a correlação que a autora faz entre campo semântico coloquial e formal não significa que esteja analisando

os dados a partir do estilo de linguagem. Está sim se referindo ao significado em que a palavra é empregada e esse significado é diferente de acordo com o campo semântico. Por exemplo, em português, é possível enquadrar nesses dois campos semânticos a palavra *curso*. Essa palavra, quando usada num sentido formal, significa "um conjunto de lições que é ministrado por um professor"; já num sentido coloquial, se refere a "uma espécie de diarreia que dá em animais". Com essa divisão, JANSON (73, 26) apresenta os seguintes exemplos:

Det var syn(d). Isto é uma pena.
 Han begick en synd. Ele cometeu um pecado.
 Jag har inte ra(d). Eu não tenho recursos.
 Ge mig ett rad. Dê-me um conselho.

As palavras *synd* e *rad* mantêm o -d em um de seus significados mas não em outro. Em ambos os casos, o significado onde pode ocorrer a perda de -d é de uso coloquial.

Neste trabalho, também propõe-se uma divisão dos itens lexicais em grupos. Porém, o critério aqui adotado não foi o de campo semântico como estabelece Jonson (73), mas de acordo com o uso dos itens lexicais pelos falantes. Com esse critério, foi possível separar os itens em dois grupos:

- a) o grupo dos itens lexicais usados tanto entre os falantes da comunidade quanto entre falantes da comunidade e falantes externos a ela;
- b) os itens lexicais usados prioritariamente entre os falantes da comunidade.

Por exemplo, os itens lexicais *natal*, *carnaval*, *corcel*, que pertencem ao primeiro grupo, são usados entre os próprios falantes da comunidade, mas são também de uso geral na língua pa-

drão. Os dois primeiros itens chegam aos falantes através dos meios de comunicação, tais como rádio e televisão. Já o item *corcel* se refere a um veículo que normalmente é usado por pessoas externas à comunidade e que têm mais afinidade com a língua padrão. Uma outra explicação é que esse item tenha chegado à comunidade via português padrão.

Por outro lado, itens lexicais como *polvilho*, *calcanhar*, *paiol*, *pulga*, são de uso mais freqüente entre falantes da própria comunidade. Por exemplo, no município de Rosário do Ivaí, o único lugar em que se costuma fabricar e consumir o polvilho é em Boa Vista de Santa Cruz. Embora o item *polvilho* seja conhecido em toda a região, ele é de uso mais freqüente na comunidade.

Já os itens *calcanhar*, *paiol* e *pulga* parecem estar ligados mais ao uso entre os falantes na família. Desta forma, acabam por não ter uso efetivo no contato entre falantes da comunidade e falantes externos. Ainda tem que se levar em conta que nenhum dos quatro itens é de uso freqüente na escola e nos meios de comunicação.

O critério usado para estabelecer a divisão dos itens lexicais nos dois grupos propostos acima não foi arbitrário, mas a partir do uso que o falante faz da língua dependendo do contexto em que se encontra. Como se observa na tabela 15, a variação /r/ ~/w/ reflete claramente o comportamento do falante diante de cada um dos grupos, pois o grupo de itens de uso externo apresenta um percentual de vocalização de 87%, enquanto o grupo de itens de uso interno tem um índice de apenas 41%.

TABELA 15 - VOCALIZAÇÃO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ITENS
LEXICAIS

| GRUPO DE ITENS | NÚMERO DE ITENS POR GRUPO | OCORRÊNCIAS | PERCENTUAL |
|----------------|------------------------------|-------------|------------|
| Uso externo | 58 | 1836/2176 | 87 |
| Uso interno | 10 | 146/352 | 41 |
| TOTAL | 68 | 2029/2528 | 80 |

Se a divisão dos itens lexicais da forma que foi proposta acima está correta, o fator lexical torna-se de extrema relevância para o modelo da difusão de um modo geral e, especificamente, para o estudo da variação /r/ ~/w/ no dialeto caipira. De um lado, estão os itens lexicais do vernáculo que resistem ao processo de vocalização, pois menos da metade (41%) das ocorrências são vocalizadas; de outro lado, os itens lexicais de uso externo se encontram em um estágio de vocalização bem mais adiantado, pois restam pouco mais de 10% para esse processo atingir o final de seu curso.

Outra questão a ser levada em conta em relação ao léxico é o modo em que uma mudança se implementa na dimensão temporal. Os adeptos da difusão lexical propõem que a implementação de uma mudança se dá de forma gradual; no início, ela afeta um número muito pequeno de itens lexicais; depois se difunde gradualmente pelo léxico, generalizando-se. Nesse período, a difusão se dá muito mais rapidamente; por fim, volta a ser lenta. Desta forma, a mudança é percebida no início ou no final de seu curso, ou seja, ela é descoberta quando menos de 20% dos itens lexicais foram atingidos, ou quando mais de 80% deles já foram afetados. Uma

evidência desse tipo de fenômeno é o estudo de Wang e Cheng (70) sobre o ensurdecimento das oclusivas em início de sílaba ocorrido na evolução do MC para moderno dialeto chinês Shuāng-fēng.

A tabela 16 mostra um quadro de 616 itens lexicais do MC cujas sílabas têm consoante oclusiva sonora em início de sílaba. Em Shuāng-fēng, esses mesmos itens apresentam ambas as consoantes: surda e sonora. O ensurdecimento dessas consoantes está condicionado aos quatro tons do MC: I, II, III, IV. Desses tons, o Shuāng-fēng desenvolveu cinco: 1a, 1b, 2, 3a e 3b.

O processo de ensurdecimento das oclusivas em início de sílaba se deu do MC para Shuāng-fēng da seguinte forma: de 288 itens com tom I em MC, apenas dois (0,7%) foram afetados; de 100 itens com tom II em MC, dez (10%) ensurdeceram; de 140 itens com tom III, 20 (14%) foram atingidos pela mudança, mas de 88 itens com tom IV, 84 (95%) mudaram. Isso mostra que nos tons I, II e III, a mudança se encontra em início de curso (menos de 20%) e no tom IV, se encontra em final de curso (mais de 80%). Desta forma, se confirma a hipótese de que uma mudança ou é percebida em seu início ou no seu final.

TABELA 16 - ENSURDECIMENTO DAS OCLUSIVAS EM SHUĀNG-FĒNG

| NIC TONES | I | | II | | III | | IV | |
|-----------|-------|------|------|------|------|------|------|------|
| | -vcd. | +vcd | -vcd | +vcd | -vcd | +vcd | -vcd | +vcd |
| 1a | | 5 | 1 | | | | | |
| 1b | | 275 | | 1 | 1 | 4 | 31 | 1 |
| 2 | 1 | | 5 | 1 | 1 | | | |
| 3a | 1 | | 3 | | 16 | 2 | 53 | 2 |
| 3b | | 6 | 1 | 88 | 2 | 114 | | 1 |
| TOTAL | 2 | 286 | 10 | 90 | 20 | 120 | 84 | 4 |

WANG e CHENG 70, 156.

Já o estudo de Cheng e Wang (71) parece falsear essa hipótese, pois como mostra a tabela 8 (veja seção 4.1), a mudança do tom 3b para 2b em Chaozhou é registrada no meio de seu curso. No entanto, eles não abandonam o princípio de que um processo de mudança é lento no início, rápido no meio e lento no final. Para explicar tanto o caso ensurdecimento em Shuāng-fēng quanto a mudança de tom 3b para 2b em Chaozhou, eles propõem que pode haver motivação fonética para a mudança. Por exemplo, a nasalização de vogais antecedentes a oclusivas nasais recebe influência fonética. Nesse caso, a mudança se daria de forma rápida no meio de seu curso e seria percebida no início ou no final. Por outro lado, uma situação como a do Chaozhou, além de não ter motivação fonética, também não tem nenhuma motivação externa, pois é o único dialeto chinês que apresenta itens com o tom 2b. Assim é uma mudança que pode ser lenta durante todo o seu curso e pode ser captada em qualquer ponto do desenvolvimento desse curso.

Em relação à vocalização de /r/ no dialeto caipira, pare-

ce possível propor que é um processo que se encontra em final de curso, pois como mostra a tabela 15, 80% das ocorrências apresentam a vocalização. Porém, é preciso investigar se há alguma motivação fonética para esse fenômeno tal como acontece em Shuāng-fēng. O que parece razoável propor é que se a mudança se dá em direção ao português padrão, os itens lexicais usados nos contatos internos e externos à comunidade são mais favoráveis à vocalização, porque nesse grupo de itens, a forma caipira /r/ é frequentemente confrontada com a forma padrão /w/. Por outro lado, o fato de a vocalização não ter terminado seu curso não indica que esse processo tenha sido bloqueado como aconteceu com o ensurdecimento das oclusivas em Shuāng-fēng. Mas indica que os itens lexicais usados prioritariamente entre os próprios falantes da comunidade raramente são comparados aos seus correspondentes no português padrão, possivelmente por isso, tendem a resistir à vocalização.

4.3 OS FATORES SOCIAIS

Os fatores sociais muito pouco foram explorados nos estudos de difusão lexical. Os trabalhos difusionistas na sua maioria abordaram a mudança fonológica a partir de um recorte diacrônico, ou seja, considerava-se a evolução de uma mudança por um longo tempo. Os dados utilizados em tais trabalhos eram obtidos através de registros da língua escrita ou em gramáticas antigas nas quais não era possível explorar sistematicamente os fatores sociais. Foi, por exemplo, o que aconteceu com os estudos de difusão lexical sobre a evolução histórica do sistema fonológico do chinês, para os quais tinha-se um banco de dados com um recorte diacrônico de quinze séculos, mas que continha informações

estritamente lingüísticas.

O estudo de Janson (73) foi o primeiro trabalho que, de certa forma, começou explorar os fatores sociais. Porém, esse estudo já não se pautava nos modelos dos trabalhos diacrônicos sobre o chinês, mas em um modelo variacionista. Janson percebe que o processo de difusão se dá tanto na dimensão lexical quanto na dimensão social.

Wang (79) propõe que se estude o processo de mudança nas dimensões lexical e social. No entanto, apresenta exemplo de trabalhos sobre difusão lexical que não foram além da investigação dos aspectos lingüísticos da mudança. A difusão lexical ainda teve outras versões como Krishnamurti (78), Labov (81), Phillips (84) e Oliveira (91); porém, para esta pesquisa a versão mais adequada parece ser a de Janson (73) e Wang (79). O trabalho de Janson torna-se importante aqui porque no estudo da restauração de -d, ela propõe uma divisão sistemática do léxico. Enquanto Janson mostra a necessidade de se levar em conta também o aspecto social da mudança fonológica, Wang (79) apresenta uma formulação teórica da difusão lexical que dê conta tanto do fator lexical quanto dos fatores sociais.

Neste trabalho, analisa-se o condicionamento social da variação /r/ ~ /w/ pós-vocálicos no dialeto caipira a partir de três fatores: o sexo, a idade e a escolaridade.

Segundo TRUDGILL (86, 395), nas últimas décadas tem aparecido uma série de estudos que mostram que a diferença de sexo tem sido relevante nas comunidades lingüísticas das sociedades urbanas complexas. A correlação entre o sexo e outros fatores como idade, educação e classe social tem demonstrado que as mulheres produzem na média formas lingüísticas que mais se aproximam da língua padrão ou da modalidade de prestígio do que os

homens. No entanto, no estudo da variação /r/ -/w/ pós-vocálicos que ora se investiga não se apresenta como relevante, pois a diferença de 1% (masculino, 80% e feminino, 81% de vocalização) não permite fazer qualquer projeção sobre esse fator.

4.3.1 A idade

O fator idade é crucial para um estudo de variação que tenha como objetivo investigar o processo de difusão porque é ele que dá indicações para que se possa perceber se a variação se trata ou não de um processo de mudança. Para se descobrir a qual das situações se refere uma variação, divide-se os informantes em faixas etárias através das quais é possível se ter uma dimensão histórica do fenômeno. Com o fator idade, ao invés de se trabalhar com a dimensão cronológica adotando como ponto de referência um período histórico de mudança, trabalha-se com essa dimensão em um momento sincrônico, ou seja, a mudança é percebida através do tempo aparente.

Os trabalhos de difusão lexical na sua maioria buscaram observar o processo de difusão de uma mudança dentro de uma dimensão temporal representada por um longo período de tempo. Neste trabalho, porém, adotou-se a noção de tempo aparente a qual possibilita estudar o processo de difusão tanto no âmbito lexical quanto social.

Neste trabalho, a idade é representada por duas faixas etárias: menos de 25 anos e 26 a 50 anos. Só foram consideradas essas duas faixas devido à preocupação de correlacionar esse fator com o fator escolaridade. Se houvesse uma divisão da idade em um número maior de faixas etárias, ter-se-ia problemas para conseguir informantes com o nível de escolaridade (5^a à 8^a

série) para todas as faixas. Por outro lado, com a divisão do fator idade em apenas duas faixas etárias, o tempo aparente talvez não seja um critério tão seguro para se testar se a variação /r/ ~/w/ se refere ou não a uma mudança em progresso.

TABELA 17 - A VOCALIZAÇÃO DE ACORDO COM A FAIXA ETÁRIA

| IDADE | OCORRÊNCIA | PERCENTUAL |
|-------------|------------|------------|
| Menos de 25 | 1070/1210 | 88 |
| 26 a 50 | 959/1318 | 73 |
| Total | 2029/2528 | 80 |

Apesar dos resultados não serem tão confiáveis como seriam em uma situação em que o fator idade fosse dividido em várias faixas etárias, o tempo aparente apresenta-se relevante para o processo de vocalização do /r/ pós-vocálico no dialeto caipira. Pois, como mostra a tabela 17, o percentual de vocalização na faixa etária de 26 a 50 anos é 73%, aumentando para 88% na faixa etária de menos de 25 anos. Há assim uma confirmação da hipótese de que a variação /r/ ~/w/ se trata de uma mudança em progresso.

4.3.2 A escolaridade

Como neste trabalho, a dimensão histórica captada através do tempo aparente tornou-se um tanto restrita devido à divisão do fator idade em apenas duas faixas etárias, busca-se testar se a variação em estudo se refere ou não a uma mudança em progresso também no fator escolaridade. Tarallo (86,70) admite a pos-

sibilidade de uma mudança se originar e se propagar a partir do grupo social mais alto ou mais baixo, ou seja, pode haver mudança sem que haja correlação entre as variantes e as faixas etárias.

Num trabalho como este, que investiga um processo de variação numa comunidade rural, nem sempre é possível dividir os informantes em classes sociais, assim foi tomado para representar as classes sociais, o fator escolaridade. Então, se a variação /r/ ~ /w/ se trata de uma mudança em progresso, espera-se que isso seja confirmado também por esse fator.

Assim, o fator escolaridade é relevante para este estudo por dois motivos:

- a) através dele, busca-se confirmar se a variação que ora se investiga se refere a uma mudança em curso;
- b) é nesse fator que se observa o processo de difusão na dimensão social.

Em relação ao item (a), pode-se afirmar que a escolaridade desempenha a função de propagadora da forma /w/, isto é, qualquer pessoa que tenha acesso à escola, possivelmente apresente um aumento no índice de vocalização independentemente da idade. Como se observa na tabela 18, o grupo dos mais escolarizados (5^a à 8^a série) é o difusor da forma /w/, ou seja, a escola é o principal lugar onde o léxico do falante se expõe à vocalização.

Há uma perfeita regularidade entre os níveis de escolaridade dos informantes e os percentuais de ocorrência de /w/. à medida em que se eleva o nível de escolaridade, aumenta-se o percentual da forma vocalizada. O grupo com nível de escolaridade mais elevado (5^a à 8^a série), portanto o grupo social que

propaga a vocalização, tem o maior índice dessa variante, 97%. Por outro lado, o grupo NE é o que se encontra à margem da escola, sendo assim, menos atingido pela forma /w/, com um índice de 48%. Já o grupo intermediário (1^a à 4^a série) tem um índice de 84%, o que indica que o seu contato com a escola está num nível mais superficial que o grupo (5^a a 8^a série).

TABELA 18 - A VOCALIZAÇÃO DE ACORDO COM A ESCOLARIDADE

| ESCOLARIDADE | OCORRÊNCIA | PERCENTUAL |
|---------------------------------|------------|------------|
| NE | 285/590 | 48 |
| 1 ^a à 4 ^a | 874/1040 | 84 |
| 5 ^a à 8 ^a | 870/898 | 97 |
| TOTAL | 2029/2528 | 80 |

Desta forma, parece possível afirmar que a hipótese de que a variação /r/ ~ /w/ se trata de uma mudança em progresso se confirma também a partir do fator escolaridade.

Por outro lado, percebe-se na tabela 18, que está havendo um processo de difusão da vocalização na dimensão social, ou seja, a vocalização é uma mudança que está se expandindo pelos grupos sociais de acordo com a escolaridade desses grupos: tal processo se encontra em um nível bem avançado nos grupos (5^a à 8^a série -97%- e 1^a à 4^a série -84%) e num nível de variação em equilíbrio (48%) no grupo NE.

Em relação à escolaridade, parece possível ainda propor uma divisão dos informantes em dois grupos: não escolarizados e escolarizados. Desta forma, tem-se, de um lado, os informantes

(NE) que estão à margem do processo de escolarização. Conseqüentemente, o léxico desses falantes, apresenta resistência ao processo de vocalização, pois a escola desempenha o papel de difusora da forma /w/. De outro lado, estão os informantes que tiveram contato com a escola, mesmo que em caráter precário, como é o caso do grupo com escolaridade de 1^a a 4^a série. O léxico desses falantes está (ou esteve) mais exposto à vocalização, porque na escola o falante entra em contato com a língua padrão. Assim, o índice de 90% da forma /w/ encontrado entre os falantes escolarizados confirma que num grupo, o processo de vocalização é bem mais difundido do que o grupo dos informantes NE, que apresenta um percentual apenas de 48%.

Então, da mesma forma que no fator lexical, existe um grupo de itens lexicais (os de uso interno) que inibe o processo de vocalização, o que confirma que a mudança está se dando de um modo gradual no plano lexical, observa-se no fator escolaridade, um grupo de informantes (os não escolarizados) que resiste ao processo de vocalização. Isso confirma que esse processo se expande gradualmente de um grupo de falantes (os escolarizados) para o outro (NE).

CONCLUSÃO

A análise dos fatores idade e escolaridade confirma a hipótese de que a variação /r/ ~ /w/ se refere a um processo de mudança em progresso. O fator idade mostra (veja Tabela 17) que está havendo vocalização de /r/, pois o maior percentual da variante /w/ pertence ao grupo de informantes mais jovens, que, segundo a dimensão histórica captada através do tempo aparente, representam um momento mais recente da mudança. Portanto, o índice maior de vocalização na faixa etária abaixo de 25 anos indica que houve expansão de /w/ na geração mais jovem.

O fator escolaridade também dá indícios de que a variação em estudo se trata de uma mudança em progresso. Pois, ao que parece, o processo de vocalização tem como origem o grupo social escolarizado, pois a forma /w/ é a variante padrão e a escola é a difusora da língua padrão.

A análise que se fez do fator lexical mostra que a vocalização é um processo de mudança que está se desenvolvendo gradualmente pelo léxico, ou seja, esse processo não se dá de forma homogênea, pois uma parte do léxico favorece a vocalização (itens lexicais de uso externo) e outra a inibe (itens lexicais de uso interno). Por outro lado, o índice de vocalização de 80% que aparece nos dados indica que esse processo é uma mudança que se encontra em final de curso. No entanto, tal índice corresponde ao estilo formal, pois a entrevista através de questionário só

possibilita a elicitación dos itens nesse estilo.

A vocalização parece se dar de modo gradual também na dimensão social. Essa dimensão é representada neste trabalho pelo fator social escolaridade. Observa-se no fator escolaridade que o nível de 5^a à 8^a série apresenta o maior índice de /w/, seguido pelo nível 1^a à 4^a série, ficando à margem desse processo o nível NE. Os dois grupos escolarizados estão mais expostos ao processo de vocalização do que o grupo NE, pois, pelo menos na comunidade de Boa Vista de Santa Cruz, é principalmente na escola que o léxico do falante confronta-se com o léxico padrão. E no caso do fenômeno em estudo, também é na escola que os itens lexicais com a pronúncia /r/ se expõem à vocalização.

Por outro lado, há uma tendência da vocalização se expandir gradualmente à medida em que o processo de escolarização atinja um número maior de falantes. Essa é uma tendência que se observa na comunidade. Como mostra a Tabela 4, conseguiu-se apenas três informantes com menos de 25 anos, enquanto o objetivo era conseguir 10, ou seja, há poucas pessoas jovens que não frequentam ou não frequentaram a escola e possivelmente em breve não se encontram pessoas NE nessa faixa etária.

O maior índice de vocalização no nível de escolaridade de 5^a à 8^a série e nos itens lexicais de uso externo indicam que a vocalização de /r/ pós-vocálico no dialeto caipira é uma mudança que está se dando em direção ao português padrão.

Esta pesquisa parece confirmar os princípios do modelo de difusão lexical compatível com a sociolinguística, tal como propõe Wang (79)¹. Em primeiro lugar, observa-se que a mudança da forma /r/ para /w/ se dá de modo abrupto, ou seja, não há nenhuma pronúncia intermediária entre essas duas variantes. Isso se dá

pelo fato de /r/ e /w/ terem características articulatórias diferentes. A mudança de /r/ a /w/ corrobora a hipótese difusionista de que a mudança fonológica é abrupta no plano fonético.

Em segundo lugar, o estudo confirma a proposta de Wang (79) de que o mecanismo de implementação da mudança fonológica é a variação e através dela se dá o processo de difusão lexical. Nessa variação, os itens lexicais podem se encontrar em três estágios: não mudados, em variação e mudados. No caso da vocalização de /r/ pós-vocálico não se verifica entre os dados estudados os três estágios do modo como propõe Wang, exceto o item lexical *selvagem*, que pode ser considerado no estágio mudado, todos os demais itens lexicais se encontram em variação. Porém, é possível afirmar que nos itens lexicais, há três estágios: o item *selvagem* representa o estágio mudado; um grupo de itens lexicais (de uso externo) encontra-se num estágio em que o processo de vocalização está bem desenvolvido; noutro grupo (itens de uso interno), a variação se encontra em equilíbrio.

Esta pesquisa confirma a proposta de Janson (73), de que grupos de itens lexicais se comportam diferentemente em relação à variação fonológica. Conseguiu-se neste trabalho dividir os itens lexicais em dois grupos, embora se tenha utilizado um critério diferente do adotado por Janson. Enquanto ela separa os itens lexicais em grupos a partir da noção de campo semântico, aqui o critério adotado é uso que o falante faz dos itens lexicais.

Por fim, parece possível afirmar que a compatibilização da difusão lexical com a sociolinguística é bem sucedida. A compatibilização desses modelos ofereceu um aparato teórico-metodológico para dar conta do processo de vocalização. (uma mudança em pro-

gresso), a partir de uma variação sincrônica tanto no âmbito lingüístico quanto social.

LISTA DE ANEXOS

| | |
|-----------------------------------|----|
| ANEXO 1 - Questionário | 80 |
| ANEXO 2 - Amostra dos dados | 87 |
| ANEXO 3 - Mapas | 90 |

ANEXO I - Questionário

1 - Identificação

- a) Informante: b) Sexo: c) Idade:
d) Escolaridade: e) Profissão:

2 - Perguntas:

- 1 - a) Como se chama a festa que comemora o nascimento de Cristo?
b) O que se comemora no dia 25 de dezembro?
- 68 - Como se chama o objeto que se usa na cozinha para cortar carne?
- 6 - a) Uma pessoa que mede menos de um metro e meio é considerada baixa. Mas uma pessoa com um metro e meio é considerada.....
b) Muitas pessoas sofrem pressão baixa, outras sofrem pressão
- 69 - Como se chama a luz que risca o céu em dias de chuva?
- 12 - Por onde sai a pressão da panela de pressão quando ela está fervendo?
- 70 - Como se chama uma chuva com vento bem forte que vem de repente?
- 13 - Qual o produto branco que é usado para temperar os alimentos e serve também para dar para o gado?
- 71 - Para saber quanto de terra tem uma fazenda ou sítio que medida se usa?
- 16 - A água do rio ou o poço é doce, mas a água do mar é.....
- 72 - Para se fazer cabos de enxada, palanque de cerca, casa, usa-se madeiras diferentes. Quais os melhores tipos de madeira para isso?
- 21 - a) Como se chama a pequena argola com uma pedrinha que é usada no dedo?
b) As pessoas casadas usam aliança no dedo. Além da alian-

ça, o que mais pode ser usado no dedo?

73 - Como se chama uma plantação de árvores que dão frutas?

30 - a) Quem foi o prefeito de Grandes Rios de 72 à 76?

b) Quais candidatos concorreram a última eleição para prefeito em Rosário do Ivaí?

74 - Como se chama a terra onde cresce bem tudo que se planta?

26 - O que as abelhas fabricam?

28 - Qual o nome do nosso país?

75 - Como se chama o trabalho de limpar a planta com a enxada?

33 - O que as pessoas assistem no cinema?

34 - a) Em que ano estamos?

b) Quanto custa um pacote de arroz de 5 kilos?

76 - Como se chama a parte da árvore que fica na terra quando ela é cortada?

35 - Como se chama o objeto de pescar que é amarrado na ponta de uma linha e é onde a gente põe a isca?

40 - a) Quais as armas de fogo que você conhece?

b) Como se chama a arma de fogo que se carrega na cinta?

77 - Como se chama o trilho feito com foice no meio do mato?

44 - Para carregar uma espingarda, você precisa de quais munições?

45 - A lua clareia a noite. O que clareia o dia?

78 - Quando o feijão está maduro, a gente diz que está na hora de...

55 - Qual a cor do céu?

2 - a) Um homem e uma mulher formam um....

b) Quando você compra dois passarinhos, um macho e outro fêmea, você dia que tem o quê?

79 - Como se chama a parte do pé de milho onde ficam os caroços?

63 - O que é que segura o relógio no braço?

- 29 - Se você tem responsabilidade, então dizemos que você é...
- 80 - Como se chama a armação de madeira que é colocado no pescoço dos animais para não varar a cerca?
- 17 - A refeição que a gente faz no começo da noite é a janta. Como se chama a refeição que a gente faz no meio do dia?
- 22 - a) Que objeto a gente usa para pintar?
b) Com que objeto a gente passa a tinta na parede?
- 81 - Em que parte do corpo da vaca fica o leite?
- 64 - A tuberculose é uma doença que ataca que parte do corpo?
- 31 - Que mês do ano vem depois de março?
- 82 - Como se chama a ave que põe ovos e a gente come?
- 36 - Qual é o esporte mais praticado aqui em Boa Vista?
- 53 - Como se chama o pó branco, parecido com farinha de trigo, que é feito de mandioca e serve para fazer biscoito, bolinho?
- 83 - Como se chama a pessoa que não tem dentes?
- 65 - Quando a mulher trai o marido, a gente diz que ela cometeu um
- 3 - a) Por que Curitiba é a cidade mais importante do Estado do Paraná?
b) Curitiba é o quê do Paraná?
- 84 - Como a gente chama uma pessoa que não tem cabelo?
- 23 - a) Com que os comerciantes embrulham as mercadorias para os fregueses?
b) O jornal é feito de quê?
- 7 - a) com que as mulheres pintam as unhas?
b) O que as mulheres passam nas unhas?
- 85 - O que as pessoas que não têm dentes usam no lugar deles?
- 32 - Como se chama o objeto que a gente coloca na boca da garrafa quando quer colocar um líquido dentro dela?
- 14 - Como se chama o pó branco que se mistura com o cimento e com a areia para fazer massa para assentar tijolos?

- 86 - Como a gente chama as pessoas que não escutam?
- 67 - Quando um criminoso se apresenta no fórum, o juiz e os jurados vão fazer o que com ele?
- 46 - a) Algumas pessoas criam porcos no mangueirão. Mas outras criam ...
b) Alguns passarinhos vivem em gaiola. Mas a maioria vive ...
- 87 - Como a gente chama as pessoas que não conseguem falar?
- 56 - Além da missa, o que mais se celebra na igreja?
- 54 - Quando está bem frio, a gente se cobre com quê?
- 88 - Quando uma pessoa enxerga pouco, o que ela precisa usar para enxergar melhor?
- 5 - Como se chama a festa onde as pessoas vão fantasiadas e que acontece antes da quarta-feira de cinzas?
- 57 - a) Em que lugar do braço a gente coloca o relógio?
b) Como se chama isto (e mostra o pulso?)
- 89 - Como a gente chama as pessoas que fazem as coisas com a mão esquerda?
- 8 - a) O homem usa camisa da cintura para cima. E que roupa ele usa da cintura para baixo?
b) Às vezes, as mulheres usam saia, outras vezes vestido. Que outra roupa elas podem usar no lugar da saia ou do vestido?
- 24 - Como se chama a peça roliça de madeira em que a linha vem enrolada?
- 90 - Como a gente chama as pessoas que têm a pele bem escura?
- 18 - a) Como se chama o local da igreja onde o padre fica para rezar a missa?
b) Nos casamentos na igreja, onde o noivo espera a noiva?
- 37 - a) Como se chama a peça de pano que a gente põe sobre o colchão?
b) Como se chama a roupa de cama que a gente põe sobre o colchão?

- 91 - Como a gente chama as pessoas que não gostam de gastar dinheiro?
- 41 - a) Como se chama a curva do anzol?
- b) Se você viaja de Boa Vista à Rosário, dizemos que de Boa Vista à Rosário é a ida. E de Rosário à Boa Vista é a ...
- c) Para você ir de Boa Vista a Cirol, passa por Rio Novo. Mas quando chove, você tem que ir por Faxinal. Então dizemos que, quando está chovendo, você precisa dar a...
- 47 - Em que lugar da calça você guarda o dinheiro?
- 92 - Como a gente chama as pessoas que não pagam as suas dívidas?
- 60 - Como se chama o inseto de cor preta que costuma ficar entre as cobertas sobre a cama e que morde a gente durante a noite?
- 4 - Como a gente chama o arame que é esticado no terreiro da casa para secar as roupas?
- 93 - O que a gente precisa ter para fazer compra?
- 61 - Quando você é o derradeiro a chegar em um lugar, a gente diz que você chegou por...
- 9 - Como se chama a vasilha de alumínio ou de plástico que tem um arco para a gente segurar e que é usada para buscar água ou por leite?
- 94 - Quando um rapaz e uma moça se gostam, mas não são noivos, a gente diz que eles são...
- 15 - a) Quando você está com saúde, a gente diz que você está bem. Mas quando você está doente, a gente diz que você está passando...
- b) Quando você come algum alimento e seu estômago começa a doer a gente diz que o alimento fez...
- 19 - a) Como se chama a parte posterior do pé?
- b) Como se chama esta parte do pé? (apontar com a mão o calcanhar)
- 95 - Como se chama a cerimônia realizada pelo padre em que duas

- pessoas se tornam marido e mulher?
- 25 - Quais os carros de passeio que você conhece?
- 27 - A gente diz que a vaca é um animal doméstico. E a onça?
- 96 - Como a gente chama uma pessoa morta?
- 38 - Como se chama a luz do carro que clareia a estrada quando a gente viaja à noite?
- 62 - São Paulo fica para o lado do norte e Santa Catarina?
- 97 - O irmão do seu pai é seu tio. E o pai de seu Pai?
- 10 - Como se chama o pó branco cheiroso que serve para colocar em assaduras de criança?
- 43 - Com que se emenda uma barra de ferro quebrada?
- 98 - Além do padre, quem tem que acompanhar o batismo de uma criança?
- 52 - Quando o delegado prende uma pessoa, a gente arruma um advogado para fazer o quê?
- 58 - Quando está doente, a gente vai ao médico fazer o quê?
- 99 - Como a gente chama a pessoa que arruma a igreja e ajuda na missa?
- 20 - Como se chama o móvel de madeira que divide um bar em duas partes: uma parte para os fregueses ficarem e outra para quem atende? Esse móvel é usado para colocar os copos e as garrafas quando os fregueses estão bebendo.
- 48 - a) Quando viaja e leva bastante roupa, a gente leva mala, mas quando leva pouca roupa, o que usamos?
b) O que as mulheres carregam para colocar os objetos de uso pessoal, quando saem de casa?
- 100 - Como a gente chama as mulheres que curam com reza e simpatia?
- 39 - Como a gente chama o cômodo (rancho) usado para guardar milho em palha?
- 42 - Quando você está sem serviço, a gente diz que você está de

- 101 - Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha e é usado para matar passarinhos?
- 49 - O que se estende sobre a cama durante o dia?
- 59 - Quando a gente é pequena, é criança. Mas quando cresce e passa dos vinte anos, a gente diz que ficou...
- 102 - O que a gente tem que fazer com o cavalo chucro para poder montar?
- 50 - a) Qual é a posição que o goleiro joga?
b) Que nome é dado a cada ponto marcado no futebol?
- 51 - Como se chama a parte macia da cama sobre a qual a gente deita?
- 66 - Como se chama o local onde se enterra um defunto?
- 103 - Quando você sabe fazer uma coisa, você acha...
- 104 - Quando você não consegue fazer uma coisa, você acha...

ANEXO II - Amostra dos dados

| | | | |
|----------------|------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|
| Informante | 11 | 37 | 46 |
| Idade | 50 | 29 | 13 |
| Escolaridade | NE | 1 ^a a 4 ^a série | 5 ^a à 8 ^a série |
| Sexo | M | F | F |
| Itens Lexicais | Transcrição Fonológica | | |
| 1.natal | /na'taw/ | /na'taw/ | /na'taw/ |
| 2.casal | /Ka'zaw/ | /Ka'zaw/ | /Ka'zaw/ |
| 3.capital | /Kapi'ta/ | /Kapi'taw/ | /Kapi'taw/ |
| 4.varal | /Va'raw/ | /va'raw/ | /va'raw/ |
| 5.carnaval | - | /Karna'vaw/ | /Karna'vaw |
| 6.alto | /'arta/ | /'awta/ | /'awta/ |
| 7.esmalte | /is'marte/ | /es'mawte/ | /is'mawti/ |
| 8.calça | /'Karsa | /'Kawsa/ | /'Kawsa/ |
| 9.balde | /'barde/ | /'bawde/ | /'bawdi/ |
| 10.talco | /'tarko/ | /'tawko/ | /'tawko/ |
| 11.álcool | eliminado | | |
| 12.válvula | /'varvula/ | /'vavula/ | /'vawvula/ |
| 13.sal | /saw/ | /saw/ | /saw/ |
| 14.cal | /Kar/ | /Kaw/ | /Kaw/ |
| 15.mal | - | /maw/ | /maw/ |
| 16.salgado | /sar'gada/ | /saw'gada/ | /saw'gado/ |
| 17.almoço | /ar'moso/ | /aw'moso/ | /aw'moso/ |
| 18.altar | /ar'ta/ | /aw'tar/ | /aw'tar/ |
| 19.calcanhar | /Karkã'nã/ | /Karkã'nã/ | /Kawkã'nã |

| | | | |
|-----------------|--------------|--------------|---------------|
| 20. balcão | - | /baw'kãw̃/ | /baw'kãw̃/ |
| 21. anel | /a'new/ | /a'nɛw/ | /a'nɛw/ |
| 22. pincel | /pĩ'sɛw/ | /pĩ'sɛw/ | /pĩ'sɛw/ |
| 23. papel | /pa'pɛr/ | /pa'pɛw/ | /pa'pɛw/ |
| 24. carretel | /kaɾɛ'tɛ/ | /kaɾɛ'tɛw/ | /kaɾɛ'tɛw/ |
| 25. corcel | - | /kor'sɛw/ | - |
| 26. mel | /mɛw/ | /mɛw/ | /mɛw/ |
| 27. selvagem | - | /sɛw'vaʒɛ/ | - |
| 28. Brasil | /bra'ziw/ | - | /bra'ziw/ |
| 29. responsável | /ɾɛspõ'save/ | /ɾɛspõ'save/ | /ɾɛspõ'savew/ |
| 30. Celso | /'sɛwso/ | /sɛwso/ | /sɛwso/ |
| 31. abril | /a'brir/ | /a'briw/ | /a'briw/ |
| 32. funil | /fu'nir/ | /fu'niw/ | /fu'niw/ |
| 33. filme | /'firme/ | /'fiwme/ | /'fiwme/ |
| 34. mil | /miw/ | /miw/ | /miw/ |
| 35. anzol | /ã'zɔ/ | /ã'zɔw/ | /ã'zɔw/ |
| 36. futebol | /fute'bɔr/ | /fute'bɔw/ | /fute'bɔw/ |
| 37. lençol | /lɛ'sɔr/ | /lɛ'sɔw/ | /lɛ'sɔw/ |
| 38. farol | /fa'rɔ/ | /fa'rɔw/ | /fa'rɔw/ |
| 39. paiol | /pa'yɔr/ | /pa'yɔw/ | /pa'yɔ/ |
| 40. revolver | /ɾɛ'vɔrve/ | /ɾɛ'vɔrve/ | /ɾɛ'vɔwve/ |
| 41. volta | - | /'vɔwta/ | /'vɔwta/ |
| 42. folga | /'fɔrga/ | /'fɔwga/ | /'fɔwga/ |
| 43. solda | /'sɔrda/ | /'sɔwda/ | /'sɔwda/ |

| | | | |
|------------------------|----------------------|---------------------|----------------------|
| 44. pólvora | /'pɔrva/ | /'pɔrva/ | /'pɔwvora/ |
| 45. solto | /'sorto/ | /'sorto/ | /'sowto/ |
| 46. sol | /sɔw/ | /sɔw/ | /sɔw/ |
| 47. bolso | /'borso/ | /'bowso/ | /'bowso/ |
| 48. bolsa | /'borsa/ | /'bowsa/ | /'bowsa/ |
| 49. colcha | - | /'korʃa/ | /'kowʃa/ |
| 50. gol | /gor/ | /gow/ | /gow/ |
| 51. colchão | /ko'sãw/ | /kor'sãw/ | /kow'sãw/ |
| 52. solta | /'sɔw'ta/ | /sow'ta/ | - |
| 53. polvilho | /pur'viyo/ | /pur'vilo/ | /pow'vilo/ |
| 54. acolchoado | /kor'ʃwado/ | /kor'ʃwado/ | /kor'ʃwado/ |
| 55. azul | /a'zu/ | /a'zuw/ | /a'zuw/ |
| 56. culto 31. abril | /'kurto/ /a'bril/ | /kuwto/ /a'bril/ | /'kuwto/ /a'bril/ |
| 57. pulso | /'puso/ | /'puwso/ | /'puwso/ |
| 58. consulta | /kõ'surta/ | /ko'suwta/ | /kõ'suwta/ |
| 59. adulto 34. mil | /a'duto/ /miw/ | /a'duwta/ /miw/ | /a'duwto/ /miw/ |
| 60. pulga | /'purga/ | /'purga/ | /'puwga/ |
| 61. último | /'urtimo/ | /'uwtimo/ | /'uwtimo/ |
| 62. sul | /sur/ | /suw/ | /suw/ |
| 63. pulseira | /puw'sera/ | /puw'sera/ | /puw'sera/ |
| 64. pulmão | /pur'mãw/ | /por'mãw/ | - |
| 65. adultério | - | /adu'teryo/ | /aduw'teryo/ |
| 66. sepultura | - | /sepur'tura/ | /sepuw'tura/ |
| 67. fácil | - | /'fasiw/ | /'fasi/ |
| 68. difícil | - | /di'fisi/ | /di'fisi/ |
| 69. julga | - | - | /'zurga/ |

ANEXO III - MAPAS

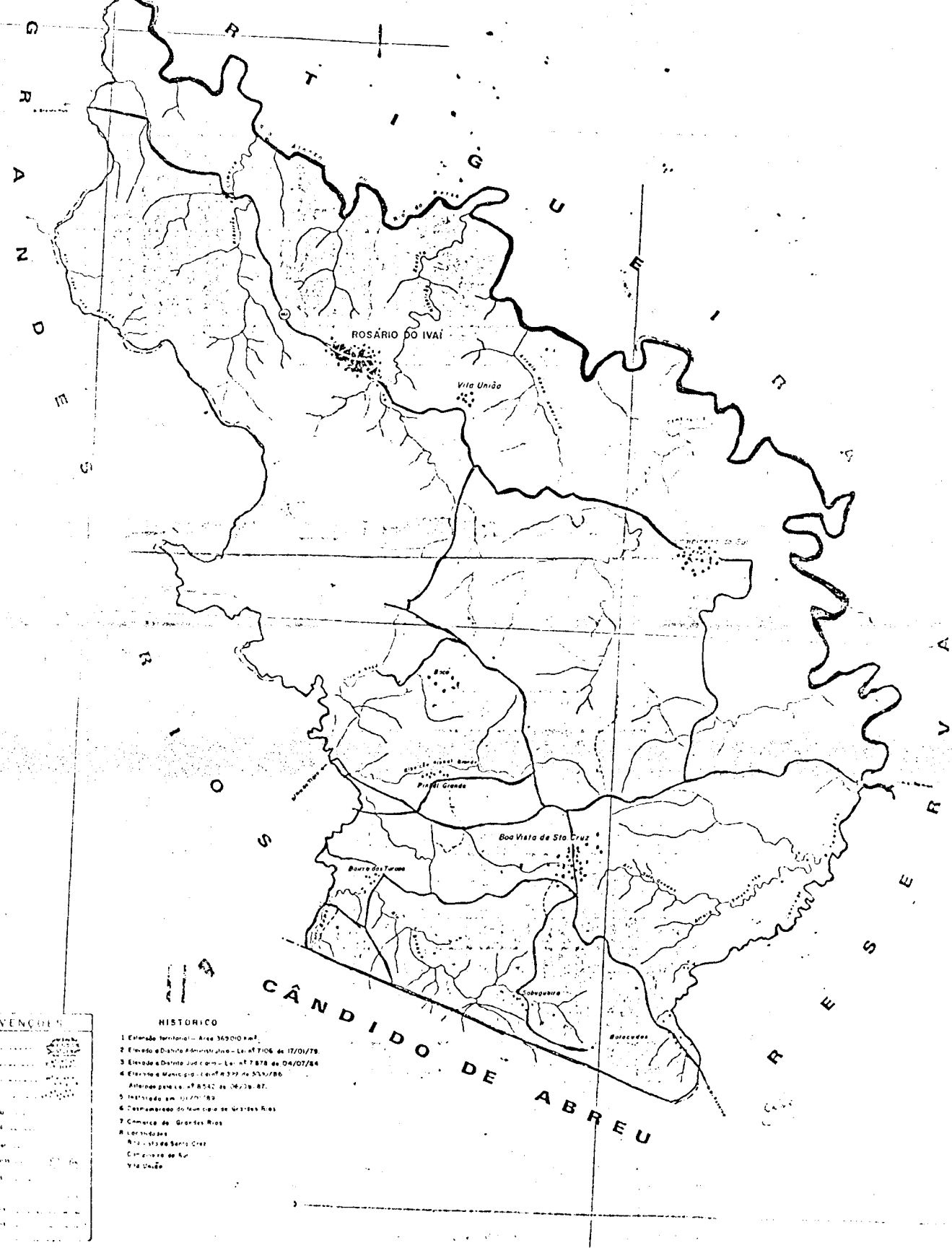
MAPA 1

CAMINHO DO MATO
SEC. XVIII E XIX.



MAPA 2

MUNICÍPIO DE
ROSÁRIO DO IVAÍ



CONVENÇÕES

| | |
|----------|-----|
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |
| (Symbol) | ... |

- HISTÓRICO**
1. Estabelecido territorial - Área 36900 km².
 2. Elevado a Distrito Administrativo - Lei nº 7106 de 17/01/78.
 3. Elevado a Distrito Judiciário - Lei nº 7178 de 04/07/84.
 4. Elevado a Município - Lei nº 339 de 30/11/86.
Alfândega nº 8542 de 06/12/87.
 5. Instalado em 11/11/89.
 6. Desmembrado do Município de Grão Pará.
 7. Comércio de Grãos e Rios.
 8. Localidades:
 Rio Vista de Santa Cruz
 Candeias de Santa Cruz
 Vila União

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo : Hucitec, 1976. (primeira publicação em 1920)
- 2 BORGES NETO, J. A incomensurabilidade e a "compatibilização" de teorias. *Revista Letras* nº 38, 1989. p. 43-66.
- 3 BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers : a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge University Press, 1985.
- 4 CÂMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis : Vozes, 1970. 114 p.
- 5 _____. *Problemas de lingüística descritiva*. 11 ed. Petrópolis : Vozes, 1984. 71 p.
- 6 CHAMBERS, J.E.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge : Cambridge University Press, 1980. 218 p.
- 7 CHEN, M. The time dimension : contribution toward a theory of sound change. *Foundations of Language*, 1972a. 8.457-98.
- 8 CHEN, M.; WANG, W. S-Y. Sound change : actuation and implementation. *Language*, 1975. 51: 255-81.
- 9 CHENG, C.C.; WANG, W. S-Y. Tone change in Chaozhou Chinese : a study in lexical diffusion. *Papers in linguistics in honor of Henry and Renée Kahave*. Ed. by B.Dachrn e Al., 1971. p.99-113.
- 10 CRISHNAMURTI, B. Areal and lexical diffusion of sound change. *Language*, 1978. 54(1), 1-20.
- 11 HEAD, B. Social factors in the perception of phonetic differences. *Cadernos de estudos lingüísticos*. Unicamp, 1981. 2:158-166.
- 12 JANSON, T. Reversed lexical diffusion and lexical split : loss of -d in Stockholm. M.S., 1973.
- 13 LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia : University of Pennsylvania Press, 1972a.

- 14 LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, 1981. 57(2), 267-308.
- 15 OLIVEIRA, M.A. The neogrammarian controversy revisited. *Language*, 1991. 89, 93-105.
- 16 PHILLIPS, B.S. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, 1984. 60(2), 320-342.
- 17 ROBINSON, O. Rule reordering and lexical diffusion, M.S., 1973.
- 18 RODRIGUES, A.N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo : Ática, 1974.
- 19 STREETER, M. A Chinese dialect dictionary on computer. *Computer and the Humanities t.*, 1972. DOC, 1971. 259-70.
- 20 TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. Ática, 1986.
- 21 _____. Por uma sociolinguística românica "paramétrica": fonologia e sintaxe. *Ensaio de Linguística*. Belo Horizonte, 1986. (13) 51-83.
- 22 TRUDGILL, P. *Dialect and language variation*. Edited by Harold B. Allen and Michael V. Linn : Academic Press, 1986.
- 23 WACHOWICZ, R. *História do Paraná*. 6. ed. Curitiba : Gráfica Vicentina, 1988. 275 p.
- 24 WANG, W. S-Y. Competing changes as a cause of residue. *Language*, 1969. 45:9-25.
- 25 _____. Language change : a lexical perspective. *Ann. Rev. Anthropol.*, 1979. 8:353-71.
- 26 _____. *The lexicon in phonological change*. The Hague : Mouton, 1977.
- 27 WANG, W. S-Y.; CHENG, C.C. Implementation of phonological change : the Shuang-feng Chinese case. *Papers from the 6th Regional Meeting, Chicago Linguistic Society*, 552-9.
- 28 WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundation for a theory of language change. *Directions for historical linguistics*, ed. by Winfred P. Lehmann and Yakov Maciel. Austin : University of Texas Press, 1968. 97-195.